

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

MAYRA CRISTHINE DOS SANTOS CABRAL

A IMPRENSA ESTUDANTAL LICEÍSTA MARANHENSE (1889-1900)

São Luís

2019

MAYRA CRISTHINE DOS SANTOS CABRAL

A IMPRENSA ESTUDANTAL LICEÍSTA MARANHENSE (1889-1900)

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Castro

São Luís

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Cabral, Mayra Cristhine dos Santos.
A Imprensa Estudantil Liceísta Maranhense 1889-1900/
Mayra Cristhine dos Santos Cabral. - 2019.
82 f.

Orientador: César Augusto Castro.
Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. História da Imprensa Maranhense. 2. Imprensa
Estudantil Liceísta. 3. Liceu Maranhense. 4. Maranhão
República I. Castro, César Augusto.II. Título.

MAYRA CRISTHINE DOS SANTOS CABRAL

A IMPRENSA ESTUDANTAL LICEÍSTA MARANHENSE (1889-1900)

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César Augusto Castro (Orientador)

Doutor em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Diana Rocha da Silva

Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Samuel Luis Velásquez Castellanos

Doutor em Educação
Universidade Federal do Maranhão

DEDICATÓRIA

Para Silvéria França e Gregória Cabral.

AGRADECIMENTOS

Pela lei natural dos encontros, nesta jornada acadêmica tive a oportunidade de deixar e receber “uma imensidão” de apoio, carinho e afeto de algumas pessoas as quais, nesta ocasião, tecerei os meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus pais por tudo e por tanto. À minha mãe, Márcia França, pelo modelo de força e coragem e ao meu pai, José Cabral, pela confiança, liberdade e apoio incondicional a todas as minhas escolhas.

A família Cabral, França e Cruz por todo incentivo e torcida desde o começo desta caminhada, em especial à minhas irmãs, Maryanna e Meikerlen Cabral, minha prima, Wauanne Cruz, além dos agregados/cunhados, Sandro Fernandes e Samuel Serra, por estarem sempre presentes.

À minhas avós, Silvéria França e Gregória Cabral, que mesmo não entendendo muito bem sobre o que eu faço, nunca deixaram de me encorajar e abençoar os caminhos que trilhei para chegar até aqui.

Se os amigos são a família que a vida nos permitiu escolher, elenco agora a minha gratidão à família que escolhi e formei dentro da Universidade, mais especificamente no NEDHEL.

Ao nosso grande comandante e meu orientador, o professor César Augusto Castro, que com seu poder acolhedor me ensinou coisas para além das moldadas pelos bancos formais da Academia. Gratidão pela confiança, amizade, respeito e carinho.

À professora Diana Rocha da Silva pelos conselhos, ensinamentos e exemplo a ser seguido.

Ao professor Samuel Luis Velázquez Castellanos pela paciência e dedicação com a qual nos orientava e abriu meus olhos para os caminhos da pesquisa.

À Luciana Furtado e Almicéia Borges, minhas mestras favoritas, por terem dividido comigo não só o objeto de pesquisa, mas também momentos de grande felicidade, companheirismo e irmandade.

À Jarina Serra, Mateus Araújo, Andreia Monteiro, Tátilla Barroso, Sâmela Patrícia e Rita Pajáu pelas trocas e demonstrações de amor e respeito durante toda a travessia da graduação, saibam que ela valeu a pena em grande parte pela presença de vocês. Passamos por essa juntos, e desejo que sigamos juntos por muito tempo ainda. Vocês são incríveis!

Agradeço também aos amigos que fiz do outro lado do Atlântico: Vitória Lima, Sheywe Arnaldo, Ellien Barbosa e Paulo Furtado muito obrigada pelas palavras de equilíbrio e sensatez quando desistir era uma opção. Em especial meus sentimentos de gratidão à Kety Alonso por me acolher e me incentivar a ganhar o mundo a partir da educação. *¡Muchas Gracias!*

À Universidade Federal do Maranhão, na figura do Curso de Biblioteconomia em seu corpo docente, discente e administrativo pela oportunidade de crescimento profissional.

A todos deixo o meu muito obrigado!

RESUMO

Analisa a influência do Liceu Maranhense no movimento da imprensa estudantil liceísta da primeira década republicana (1889-1900), tomando os jornais estudantis como fonte e objeto de investigação simultaneamente. Para tanto, descreve os aspectos relacionados à materialidade dos jornais liceístas: **O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Porvir** (1895), **O Ideal** (1898) e **A Actualidade** (1900), enquanto objetos culturais, destacando as questões referentes à suas condições de produção e circulação; além de identificar a natureza desses impressos dentro do Liceu Maranhense, as funções sociais estabelecidas com o seu aparecimento, o que envolveu diferentes eixos da sociedade maranhense, e o marco comum que os uniu em prol da iniciativa discente liceal em torno da imprensa periódica; objetiva verificar também as temáticas recorrentes inscritas nesses jornais, com fins de apresentar o discurso estudantil liceísta. A pesquisa se caracteriza como do tipo documental, com privilégio para a utilização dos jornais estudantis acima citados, e os periódicos: **Pacotilha** (1890-1900) e **Diário do Maranhão** (1899), como fontes complementares. A abordagem teórico-metodológica utilizada se baseia nos pressupostos da História Cultural, procurando apreender a imprensa liceísta a partir de três elementos indissociáveis, que nos induzem a realização de uma história dos objetos na sua materialidade; uma história das práticas nas suas diferenças; e, por fim, uma história dos dispositivos sociais, conceituais e psíquicos, valendo-se das indicações da Configuração Textual como técnica de análise das fontes. Conclui que a imprensa liceísta maranhense ocupou papel de destaque na sociedade maranhense e no processo de revigoração da Atenas Brasileira no final do período oitocentista, dados a ler como **orgãos estudantis** e a conhecer como **jornalsinhos litterários liceístas**, tais impressos refletiram o modelo de ensino e currículo ofertado pelo Liceu Maranhense, e foram utilizados, principalmente, como veículo de legitimação de práticas intelectuais e status sociais.

Palavras-chave: Imprensa Estudantil Liceísta. Liceu Maranhense. História da Imprensa Maranhense. Maranhão República.

ABSTRACT

It analyzes the influence of the Liceu Maranhense in the student movement of the lycanist study of the first republican decade (1889-1900), taking the student newspapers as source and object of investigation simultaneously. For that, it describes the aspects related to the materiality of the liceístas newspapers: **O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Porvir** (1895), **O Ideal** (1898) and **A Actualidade** (1900), while cultural objects, highlighting the issues related to their production and circulation conditions; in addition to identifying the nature of these forms within the Liceu Maranhense, the social functions established with their appearance, which involved different axes of Maranhão society, and the common framework that united them in favor of the initiative of the lyceum around the periodical press; aims to verify also the recurrent themes registered in these newspapers, in order to present the student discourse liceísta. The research is characterized as documentary type, with privilege for the use of the above mentioned student newspapers, and the periodicals: **Pacotilha** (1890-1900) and **Diário do Maranhão**, as complementary sources. The theoretical-methodological approach used is based on the assumptions of Cultural History, trying to apprehend the lyricist press from three inseparable elements, which induce us to realize a history of objects in their materiality; a history of practices in their differences; and, finally, a history of social, conceptual and psychic devices, using the indications of the Textual Configuration as a technique of analysis of the sources. It concludes that the Maranhian lyceist press played a prominent role in the Maranese society and in the process of reinvigoration of Brazilian Athens at the end of the nineteenth century, given to read as **orgãos estudantais** and to be known as **jornalsinhos litterarios liceístas**, these forms reflected the teaching model and curriculum offered by the Liceu Maranhense, and were used, mainly, as a vehicle for legitimizing intellectual practices and social status.

Keywords: Lycée Student Press. Liceu Maranhense. History of the Maranhense Press. Maranhão Republic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 - Jornal O Século	24
FIGURA 02 - Jornalsinho O Século.....	25
FIGURA 03 - Reaparecimento do Jornalsinho O Século	25
FIGURA 04 - Jornal O Ensaio	27
FIGURA 05 - Jornal A Escola.....	28
FIGURA 06 - Jornal O Porvir.....	28
FIGURA 07 - Jornal O Ideal	29
FIGURA 08 - Jornal A Actualidade.....	30
FIGURA 09 - Jornalsinho O Porvir	31
FIGURA 10 - Jornalsinho O Ensaio.....	31
FIGURA 11 - Jornalsinho A Eschola	34
FIGURA 12 - Jornalsinho A Actualidade	34
FIGURA 13 - Nota sobre reunião do Gremio Litterario Estudantal.....	36
FIGURA 14 - Orgão Estudantal “A Eschola”	37
FIGURA 15 - Orgão Estudantal “O Ensaio”.....	39
FIGURA 16 - Diagrama do discurso estudantal liceísta (1889-1900).....	47
FIGURA 17 - Seção Noticiário.....	50
FIGURA 18 - Seção Expediente.....	50
FIGURA 19 - Seção Notícias.....	51
FIGURA 20 - Gremio Litterario Estudantal (1890).....	52
FIGURA 21 - Sociedade União Instrutiva	52
FIGURA 22 - Nota sobre a permuta de Jornais.....	53
FIGURA 23 - Mensagem de chegada	54
FIGURA 24 - Poesia.....	60
FIGURA 25 - Poesia.....	60

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Jornalsinhos divulgados pela Pacotilha (1880 -1909)	16
QUADRO 02 - Jornalsinhos da Imprensa Liceísta (1889-1900).....	17
QUADRO 03 - Movimento dos Orgãos Estudantais Liceístas (1890-1900)	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A IMPRENSA ESTUDANTAL LICEÍSTA MARANHENSE NO INÍCIO DA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1900)	24
2.1	Os jornalsinhos litterarios liceístas	31
2.2	As funções sociais dos órgãos estudantais	37
2.3	Ânimos juvenis e tradição literária: uma tentativa de reaver a Atenas Brasileira	43
3	O DISCURSO ESTUDANTAL LICEÍSTA: as temáticas recorrentes nos impressos	46
3.1	Ofício litterario - jornalístico estudantal	47
3.2	Produções literárias: poesia, crítica, crônica e conto	55
3.3	Questões republicanas	61
4	CONCLUSÃO	65
	REFERÊNCIAS	68
	APÊNDICES	71

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se centra nos estudos sobre a História do livro, das Bibliotecas e dos impressos, analisando, em específico, **A imprensa estudantil liceísta Maranhense (1889-1900)**, com fins de expor a diversidade e riqueza dos jornais criados pelos alunos do Liceu Maranhense no início da Primeira República. O interesse por esse objeto se deu pelo meu envolvimento nas atividades do projeto **O Liceu como instituição escolar de formação do pensamento intelectual e cultural do Maranhão no Período Imperial (1838-1889)**, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e das Práticas Leitoras-NEDHEL¹, onde parte de suas investigações foram centradas na imprensa periódica de grande circulação em São Luís e pude constatar, dentre anúncios e notas, a existência de jornais escritos por estudantes do Liceu. A partir dessa experiência, na iniciação científica, a afeição por essa instituição escolar, seus atores sociais e, principalmente, os impressos produzidos pelo seu alunado se tornaram a mola propulsora para o desenvolvimento desta pesquisa monográfica.

Os trabalhos sobre a imprensa, em qualquer área, têm se mostrado um campo fértil para pesquisadores, pois nela, seja como fonte ou objeto de estudo, existe uma variedade de informações e vestígios aptos a dar movimento a sujeitos e ideias, em diferentes espaços e tempos. No Maranhão essa assertiva se alarga, tendo em vista que São Luís foi a quarta cidade a receber a imprensa no Brasil², além de ter se destacado no cenário nacional por sua intensa atividade tipográfica utilizada, primordialmente, como fator de consolidação de ideais políticos, sociais e intelectuais desde o início do século XIX. Nesse sentido, a atenção dispensada aos impressos educacionais maranhenses, neste trabalho, também se dá em prol da evidência dessas materialidades como fator contribuinte para construção da memória e identidade cultural da sociedade, e que por isso merece a devida atenção por parte dos depósitos de memória – Arquivos, Museus e Bibliotecas- e de seus profissionais. (CASTRO; CASTELLANOS, 2008).

¹ O grupo de pesquisa e centro de documentação NEDHEL é uma iniciativa interdisciplinar, do Departamento de Biblioteconomia (DEBIB) e o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que agrega pesquisadores e estudantes das áreas ciências sociais e humanas desde 2005.

² Em 1821 quando é publicado **O Conciliador do Maranhão**, primeiro jornal produzido no Maranhão.

No tocante à História da imprensa estudantil do Maranhão, ela tem sido desvelada de forma expressiva na última década³. Dentre os autores que tratam dessa temática, Almicéia Larissa Diniz Borges (2017), em sua dissertação de mestrado, analisou os discursos sobre o livro e a leitura nos jornais produzidos pelas escolas primárias no período da Primeira República, destacando assim a existência de nove periódicos que circularam na capital São Luís e no interior do Estado, foram eles: A Escola (1902), Amor as Letras (1905), Philolitera (1906), A Escola (1909), O Labor (1913), A Escola (1918), A Escola (1923), A Escola (1928) e Vida Escolar (1932). A autora conclui que esses impressos eram usados para, entre outras funcionalidades, criticar os assuntos pertinentes à educação e, principalmente, às questões referentes à importância do ato de ler e dos métodos de leitura.

Um pouco mais adiante Márcia Cordeiro Costa (2009) investigou, em sua dissertação de mestrado, o movimento estudantil acadêmico no Maranhão entre os anos de 1934 e 1958, trazendo à luz sete jornais produzidos por estudantes universitários maranhenses: o Folha Acadêmica (1934), Esquerda (1934), Voz Universitária (1954), Universitário em Marcha (1955), Vigilância (1957), Movimento (1958) e Universitário (1958). Para a autora, o uso desses impressos balizou uma visão mais ampla sobre os fatos e acontecimentos da organização e expansão do ensino superior no Estado, além de assinalar a importância dos acadêmicos para a História da Educação.

No que tange a historiografia dos jornais produzidos pelos estudantes do Liceu Maranhense, Mary Jones de Moura Aquino (2016) avaliou, em sua dissertação de mestrado, as organizações discentes do Liceu e do Colégio de São Luiz, sinalizando a presença de três jornais organizados pelo corpo discente liceal, oriundos do Grêmio e Centro Liceísta, na década de 1950. Os periódicos: Folha Estudantil (1951), O Estudante da Atenas (1956-1957) e O Liceu (1957-1958) publicavam textos literários sobre o cotidiano escolar, artigos e notícias relacionados à política da cidade de São Luís e do Brasil. Tais impressos foram considerados, pela autora, como fontes privilegiadas para a compreensão das práticas discentes no contexto da cultura escolar, dada a dinâmica de sociabilidade encontrada nesse tipo de imprensa.

³ Notadamente dissertações de Mestrado em Educação, defendidas no campo da História da Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão.

Por sua vez, Luciana Nathalia Morais Furtado (2016) analisou, em sua dissertação de mestrado, os discursos da imprensa liceísta sobre o cotidiano escolar do ensino secundário, utilizando jornais escritos por alunos do Liceu, foram eles: O Progresso (1907), O Brazil (1907), O Canhoto (1912-1914), Excelsior (1914), O Estudante (1915), Lábaro (1921), Alma Nova (1929) e o Sangue Jovem (1930). Nessa pesquisa, a autora constatou que os impressos estudantis do Liceu se configuraram, sobretudo, “como um importante veículo de identidade e resistência, entre o ideal e o concreto vivenciado pelos estudantes dessa instituição na Primeira República.” (FURTADO, 2016, p. 7).

Diante desse cenário, à sombra de diferentes olhares e perspectivas, Historiadores, Bibliotecários e Professores, ao tomarem tais jornais sob suspeição, revelaram a presença de uma rica atividade tipográfica feita por estudantes maranhenses, passível de ser inventariada desde o início do século XX e ligada a diversas instituições de ensino do Estado, principalmente, ao Liceu. Por outro lado, a atividade tipográfica realizada por estudantes no período oitocentista, ainda é uma lacuna a ser preenchida na História da imprensa do Maranhão, vale ressaltar que Antonio Lobo⁴ em sua obra **Os Novos Atenienses: subsídios para a história Literária do Maranhão**, publicada em 1909, atribuiu a existência de “um par de periódicos” organizados por estudantes do Liceu na última década do século XIX, a responsabilidade pela “[...] passageira fase de efervescência literária, [...]” (LOBO, 1909, p. 42) que São Luís sofreu, antes do surgimento da terceira geração da literatura maranhense, a qual munida de talentosos escritores fundou, em 1908, a Academia Maranhense de Letras.

Nesse sentido, a problemática desta pesquisa consiste em verificar a existência da imprensa estudantil liceísta entre os anos de 1889 e 1900, e compreender em que medida o Liceu Maranhense, enquanto instituição formadora do pensamento intelectual e cultural do Maranhão contribuiu para a existência e representatividade desses impressos?

Tendo em vista a problemática apresentada, traçamos as seguintes questões norteadoras:

⁴ Figura central dos principais movimentos literários, jornalísticos e culturais surgidos em São Luís no início do século XX. Foi escritor, jornalista, professor do Liceu e diretor da Biblioteca Pública do Estado. (GASPAR, 2012).

- a) Quais jornais compõem a imprensa estudantil liceísta do início da Primeira República?
- b) Quais foram os sujeitos envolvidos na produção da imprensa estudantil liceísta, e qual a relação dessas pessoas com o Liceu Maranhense?
- c) Que temáticas eram recorrentes nos impressos estudantis liceístas?
- d) Qual o cenário em que emerge a imprensa estudantil liceísta?

O itinerário de nossa investigação, *a priori*, contou com o apoio do jornal **Pacotilha (1880 -1934)**⁵, como fonte auxiliar, para o encontro dos títulos dos periódicos que pertenceram à imprensa liceísta da primeira década republicana, a sua utilização se justifica pelo expressivo número de pequenos jornais de diferentes lugares e ligados a diversas instituições, a maioria de ensino, divulgados pela **Pacotilha**, entre anúncios e notas, no período de 1880 a 1909.

QUADRO 01 – Jornalsinhos divulgados pela Pacotilha (1880 -1909)

JORNALSINHO	ANO	ORIGEM
A Flôr	1883	Teresina
Echo Juvenil	1883	Rio Grande do Norte
O Sorriso	1885	São Luís
A Liberdade	1885	---
Phonografica	1886	Teresina
O Estudante	1887	São Luís
O Século	1889-1890	São Luís
O Ensaio	1890	São Luís
A Eschola	1891	São Luís
O Pimpão	1895	Lisboa – PT
O Porvir	1895	São Luís
Revista Elegante	1897	São Luís
O Ideal	1898	São Luís

⁵ Periódico de grande expressão no cenário jornalístico maranhense, criado em 1880 pelo jornalista Victor Lobato, durante o período Imperial foi propagandista da Abolição e da República. Sobre as relações desse jornal com Liceu Maranhense ver: CARVALHO, Andreia Monteiro. **Os livros adotados no Liceu Maranhense pelas linhas do jornal Pacotilha (1889-1930): uma análise a partir da cultura material escolar.** 2018. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

JORNALSINHO	ANO	ORIGEM
Philomatico	1898	São Luís
Homenagem	1899	---
Revista	1899	Guimarães
A Actualidade	1900	São Luís
A Escola	1900	Manaus
Annuncio	1901	---
A Juventude	1902	Parnaíba
O Condor	1908	---
O Ideal	1909	Brejo

Fonte: Quadro elaborado a partir da análise das notas e anúncios do Jornal Pacotilha (1880-1909), 2018.

Assim, partindo da ideia de “Jornalsinho”, como sinônimo de pequenas publicações periódicas de pouca tiragem e que pertenciam a seguimentos muito específicos da imprensa, constatamos que a **Pacotilha** divulgou 22 jornais de diferentes instituições e localidades entre os anos de 1880 e 1909. Desse total, de acordo com o conteúdo das notas e anúncios que normalmente faziam referência à instituição de origem dos periódicos, identificamos a existência e 6 jornais escritos por estudantes do Liceu Maranhense no período de 1889 a 1900, foram eles:

QUADRO 02 – Jornalsinhos da Imprensa Liceísta (1889-1900)

JORNALSINHO
O Século (1889)
O Ensaio (1890)
A Eschola (1891)
O Porvir (1895)
O Ideal (1898)
A Actualidade (1900)

Fonte: Quadro elaborado a partir da análise das notas e anúncios do Jornal Pacotilha (1880-1900), 2018.

Cabe destacar que chegamos a esse resultado a partir da aplicação do termo “jornalsinho” na ferramenta de busca encontrada no jornal **Pacotilha** que está digitalizado no site da Hemeroteca Digital Brasileira⁶, mantida pela Fundação da Biblioteca Nacional. Tal periódico, enquanto fonte complementar nos ajudou a

⁶ Site: www.memoria.bn.br

identificar, mapear e compreender como a grande imprensa maranhense visualizava e referia-se aos pequenos jornais produzidos pelo corpo discente liceal. Assim, optamos por usar neste estudo monográfico as palavras: **Jornalsinho** e **Estudantal**, na sua grafia original mesmo em suas flexões gramaticais, sempre que desejarmos nos referir aos impressos estudantis produzidos pelos estudantes do Liceu Maranhense entre 1889 e 1900, considerando que essa era a forma usada pelo jornal **Pacotilha** e pela própria imprensa liceísta da época, além da relevância desses termos para fins de recuperação da informação.

Destarte, após o exame da **Pacotilha**, esta pesquisa foi delimitada em torno dos jornalsinhos: **O Século** (1889); **O Ensaio** (1890); **A Eschola** (1891); **O Porvir** (1895); **O Ideal** (1898); e **A Actualidade** (1900), sendo nosso objetivo geral analisar a influência do Liceu Maranhense no movimento da imprensa estudantil liceísta da primeira década republicana (1889-1900). Para tanto, utilizamos os jornais estudantais enquanto fonte e objeto de estudo simultaneamente, no intuito de apresentar os jornalsinhos liceístas como produto (Objeto) de um empreendimento realizado por um conjunto de indivíduos em prol de uma ideia em comum, que pretende a sua legitimação através de discursos (Fonte) não neutros, que estão aptos a dar movimento a pessoas, ideias e instituições. (LUCÁ, 2008).

Nessa lógica, identificar os aspectos relacionados à materialidade da imprensa estudantil, destacando as questões referentes às condições de produção e circulação de cada jornalsinho é o nosso primeiro objetivo específico, em uma tentativa de compreender os jornais estudantais enquanto objetos culturais que, em sua dimensão material, influenciam não só na produção e construção de sentido de um texto, mas também na forma de sua utilização por seus produtores e pelo público leitor. (CHARTIER, 2003), nessa perspectiva se faz necessário historicizar a fonte, isto é, mapear “[...] as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.” (LUCÁ, 2008, p.132).

A imprensa estudantil é parte constituinte da imprensa de educação e ensino que, segundo Nóvoa (1993), diz respeito a toda e qualquer publicação periódica, notadamente jornais, revistas e boletins, produzidos por pessoas ligadas direta ou indiretamente a instituições escolares ou à educação. Desse modo, descrever a natureza, função e finalidade dos jornalsinhos na realidade maranhense recém-republicana, partindo das posições ocupadas por seus produtores dentro e fora do Liceu Maranhense, é o nosso segundo objetivo específico. Não trataremos apenas

de elencar os nomes dos alunos ou personalidades que ajudaram na construção da imprensa liceísta, mas sim de analisar a partir de quais relações nasce o trabalho estudantil em torno dos periódicos, bem como as responsabilidades acarretadas com o seu estabelecimento, além do marco comum que os uniu.

Verificar as temáticas recorrentes na imprensa estudantil liceísta, com fins de apresentar os principais assuntos debatidos, constitui-se como o último objetivo específico a ser atingido nesta pesquisa, no intuito de entender “[...] as maneiras de pensar, de se comunicar e a necessidade de ser ouvido no cenário da arena jornalística.” (FURTADO, 2016, p. 55) dos jovens literatos/jornalistas liceístas maranhenses. Cabe destacar que, enquanto produto de seu tempo, a imprensa “[...] seleciona, ordena, estrutura e narra, de determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de se chegar até o público.” (LUCÁ, 2008, p. 139), sendo ela, assim, constituída de discursos não neutros, que tendem a impor uma autoridade, em prol da legitimação de seus interesses. (CHARTIER, 1988).

A abordagem teórico-metodológica que fundamenta este trabalho é a História Cultural que ao transitar de forma transversal em nossa pesquisa, desde a escolha do objeto até o tratamento das fontes, nos possibilitou compreender o movimento da imprensa estudantil liceísta na primeira década republicana, bem como a influência do Liceu em sua composição, cumprindo assim como o seu principal objetivo que é “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 1988, p.16-17).

A História Cultural tem facultado a descoberta e redescoberta de novos objetos e problemas de investigação, a partir de tratamentos inéditos baseados no conceito de Representação; enquanto prática cultural inerente da vida social em diferentes lugares e tempos, construída por meio de classificações, divisões e delimitações, capaz de dar sentido ao presente, tornar o outro inteligível e um espaço decifrado. (CHARTIER, 1988). Segundo Nunes e Carvalho (2005, p.40-50) essa abordagem se difere das demais ao sugerir, à prática historiográfica, a realização de uma história das representações e uma história dos suportes materiais, recusando-se assim a trabalhar ideias desencarnadas das práticas dos agentes que as produziram ou das formas impressas que as puseram em circulação e que possibilitaram a sua apropriação. É nesse cenário que a História Cultural nos ajuda a investigar a imprensa estudantil liceísta como prática cultural, realizada por sujeitos que buscam, a partir da construção de representações sobre o mundo

social, a defesa e legitimação de seus interesses tendo como meio propagador o jornal, este também dotado de influências internas e externas ao grupo que pertence, sendo encarado em sua materialidade de objeto cultural.

A História Cultural também inovou ao problematizar a concepção de **Documento**, refutando a ideia dos mesmos como retratos fidedignos de uma época que passou ou qualquer coisa que fica por conta do passado capaz de auxiliar na busca da verdade dos fatos, mas o encarando como produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força dos que aí detinham poder, ocasionando assim o alargamento da concepção de **Fonte** para além dos registros tradicionais. (LE GOFF, 1990, p.536). Assim, a partir do movimento da História Cultural, os relatos orais, mapas, fotografias, documentos sonoros, audiovisuais e até mesmo os jornais; que anteriormente eram encarados como “[...] pouco adequados para a recuperação do passado, [...]. [que] Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.” (LUCÁ, 2008, p.112); passaram a ser encarados como fontes para o trabalho historiográfico, cabendo ao historiador não fazer o papel de ingênuo diante delas, sendo necessário “[...] desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos [...]” (LE GOFF, 1990, p. 549). Desse modo, é sob essas afirmações e orientações que tomamos os próprios jornalsinhos liceístas como fonte principal de nossa análise, não só na tentativa de realizar a história da imprensa estudantil como objeto cultural, mas também para compreender o movimento estudantil em prol desses impressos, bem como a influência do Liceu em sua composição.

Corroborando a História Cultural segundo Chartier (1988 *apud* Nunes; Carvalho, 2005) propõe como metodologia, a análise dos objetos de investigação em três eixos indissociáveis. O primeiro diz respeito à realização de uma história dos objetos na sua materialidade, no intuito de realizar uma arqueologia dos objetos, que no nosso caso procurou apanhar cada jornalsinho liceísta em sua forma (características físicas de tamanho, uso de recursos tipográficos, número de páginas e colunas...), frequência (aspectos de periodicidade, saídas de números, interrupções e assiduidade de jornalistas...), dispositivo (conjunto de elementos que influenciam na composição como tipografias, corpo editorial, redatores...), e por fim estrutura (organização e disposição das informações, assuntos tratados, seções permanentes, linguagens utilizadas...). (Apêndice A).

O segundo eixo indissociável da metodologia proposta pela História Cultural faz referência à realização de uma história das práticas nas suas diferenças, que aplicada ao nosso objeto de estudo consiste em revelar as intencionalidades por trás do estabelecimento da imprensa estudantil liceísta na primeira década republicana, tendo como foco os sujeitos que a produziu, assim como os diferentes usos que essas pessoas fizeram de cada jornalsinho.

O terceiro e último eixo de análise da História Cultural diz respeito à inserção da história dos objetos na sua materialidade e da história das práticas nas suas diferenças, em uma forma mais ampla de compreender as formações sociais, estruturas psíquicas, e as armaduras conceituais em suas variações históricas, ou seja, uma história dos dispositivos sociais, conceituais e psíquicos. No que diz respeito às formações sociais, a metodologia proposta aplicada ao nosso objeto de investigação, nos indaga sobre os dispositivos sociais envolvidos na produção da imprensa estudantil liceísta, assim como as posições ocupadas por esses sujeitos na sociedade maranhense, bem como as relações traçadas entre eles para a criação desse empreendimento, além das formações sociais ocasionadas com o seu estabelecimento. Por outro lado, as mudanças nas estruturas psíquicas se referem à captação das tentativas de legitimação da imprensa estudantil e de cada jornal à que ela pertenceu, frente às instituições e espaços em que ela circulou. Por fim, sobre as armaduras conceituais, procuramos identificar os modelos e conceitos que nortearam e influenciaram a concepção dos jornalsinhos, desde os ideais de educação produzidos e reproduzidos pelo Liceu Maranhense, sua instituição originária, até os epítetos atribuídos ao Maranhão durante todo o século XIX.

Dito isso, esta pesquisa se caracteriza como do tipo documental, com privilégio às fontes primárias, devido à utilização dos jornalsinhos **O Século**, **O Ensaio**, **A Eschola**, **O Porvir**, **O Ideal** e **A Actualidade**, além dos jornais **A Pacotilha** e **O Diário do Maranhão**. Tais fontes encontram-se digitalizadas no site da Hemeroteca Digital Brasileira, com exceção dos periódicos **O Século**, que consta no acervo físico de obras raras da **Biblioteca Pública Benedito Leite**, e **O Ideal**, disponível no acervo digital⁷ da sobredita instituição.

Quanto à análise de conteúdo das fontes, nos valem das indicações de Mortatti (2014, p. 13) sobre a Configuração Textual, com fins de realizar um exame

⁷ Site: <http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>

integrado de todos os aspectos que compõem os sentidos dos jornalsinhos da imprensa liceísta, desde seus aspectos físicos de objeto cultural, até os de conteúdo que ajudam no desvelamento dos principais assuntos debatidos. Nesse sentido, a Configuração Textual busca compreender as fontes em sua singularidade, a partir de indagações sobre as questões constitutivas de sua configuração, são elas: temático-conteudísticas (o quê?), estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), ponto de vista e lugar social (de onde?), momento histórico (quando?), movido quais necessidades (por quê?), propósitos (para quê?), e por fim o efeito no leitor (para quem?).

No mais, para a identificação das temáticas recorrentes na imprensa estudantil liceísta, fez-se necessário à análise da Configuração Textual de todas as notícias, mensagens, notas e artigos publicadas pelos jornalsinhos e, posteriormente, a agrupação desses escritos em oito categorias pré-definidas, foram elas: Editorial e Editoriais de Abertura; Sociedades Literárias e Estudantis; Circulação e Permuta dos jornais estudantis; Poesia, Crítica e Crônica; Aniversários e Homenagens; Contos; Moral Civilidade e Nacionalismo; e Religião. Tais categorias foram extraídas das conclusões de Furtado (2016), sobre os assuntos recorrentes na imprensa liceísta publicada entre os anos de 1907 e 1930.

Este estudo monográfico foi dividido em duas partes. Na primeira seção: **A imprensa estudantil liceísta maranhense no início da Primeira República (1889-1900)**, nos centramos em apresentar a imprensa liceísta enquanto objeto cultural, contextualizando o ambiente no qual há a emergência desses jornalsinhos, bem como os sujeitos, responsabilidades e ideais envolvidos no seu estabelecimento. Para isso, caracterizamos de forma individual cada um dos **jornalsinhos literários liceístas**, com fins de compreender a sua natureza dentro do Liceu, além de perceber como a sociedade maranhense os visualizavam. Com a instalação dessa atividade periódica, identificamos as **funções dos órgãos estudantis liceístas**, no intuito de delinear as responsabilidades e disputas acarretadas com a iniciativa liceísta, não só no que se refere ao corpo discente liceal, mas também para a comunidade intelectual, professores e setor tipográfico maranhense, destacando, as intencionalidades por trás da criação desses jornais. Ademais, tendo em vista o clima de **ânimos juvenis e tradição literária**, o primeiro instituído e o segundo rememorado, com a aparição da imprensa liceísta discorreremos, por fim, sobre o marco comum que uniu todo o movimento desses

estudantes e dos outros eixos da sociedade maranhense em torno desse tipo específico de imprensa, que visava principalmente o reestabelecimento da Atenas Brasileira.

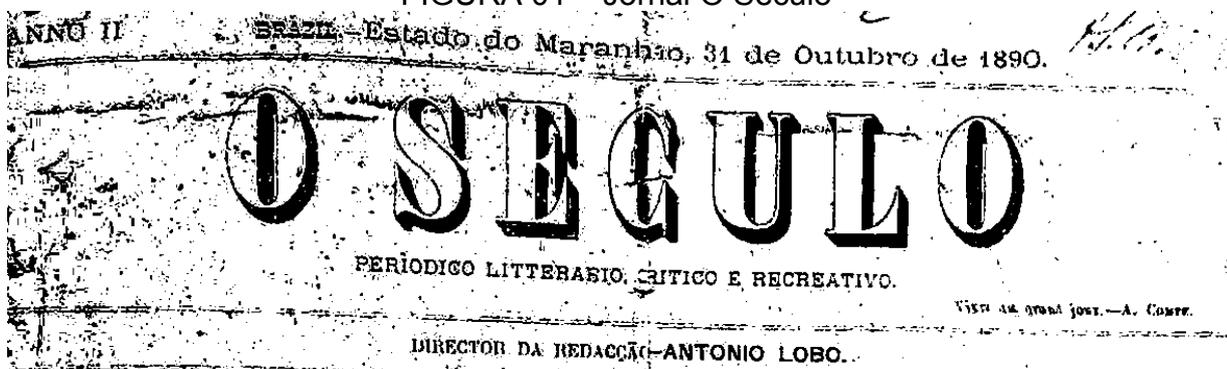
Na segunda seção: **O discurso estudantil liceísta**, apresentamos a imprensa liceísta enquanto fonte, capaz de contar a sua própria história. Assim, dissertamos sobre as temáticas recorrentes nos impressos focalizando as finalidades informacionais de cada mensagem, notícia e nota publicada pelos jornalsinhos, correlacionando tais escritos com os objetivos da criação da imprensa estudantil e, principalmente, com os modelos, conceitos, currículo e referências postuladas pelo Liceu Maranhense no final do século XIX, que poderiam influenciar na formação dos liceístas e, conseqüentemente, refletir na composição de seus jornais. Nesse sentido, informações sobre o dia a dia do **ofício literário-jornalístico estudantil**, a exposição de **produções literárias** de estudantes e de nomes ilustrados da literatura maranhense, além da difusão dos acontecimentos e **questões republicanas**, ainda não resolvidas ou mal assimiladas pela população brasileira, são os principais assuntos debatidos pelos jovens jornalistas nos órgãos estudantais.

Isso exposto, analisar a influência do Liceu Maranhense no movimento da imprensa estudantil liceísta da década final do período oitocentista nos possibilitou compreender a importância desses jornais para o resgate e construção da memória e identidade da sociedade maranhense. Nosso objeto de estudo, explorado em suas variadas nuances (fonte e objeto) e não esgotado em sua totalidade, estreita ainda mais as relações de interdisciplinaridade entre Biblioteconomia, História, Educação e Comunicação, demonstrando dessa forma que as pesquisas em torno da imprensa periódica estudantil maranhense, seja liceísta ou pertencente a outras instituições de ensino, ainda carece de atenção no que tange a criação de instrumentos de pesquisas como inventários, catálogos seletivos ou repertórios analíticos sobre o tema. Com relação à *práxis* biblioteconômica, avançamos na compreensão da pluralidade dos registros do conhecimento e da importância desses impressos enquanto fontes de informação.

2 A IMPRENSA ESTUDANTAL LICEÍSTA MARANHENSE NO INÍCIO DA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1900)

O movimento da imprensa estudantil liceísta, após a proclamação da República, contribui de forma singular para o ressurgimento de um cenário cultural e literário que há tempos o Maranhão, órfão de seus grandes vultos do século XIX, reivindicava. A primeira folha idealizada por estudantes do Liceu, no contexto recém-republicano, foi fruto de uma série de palestras noturnas organizadas pelo professor Manuel de Béthencourt⁸, catedrático de filosofia, em sua própria casa e para um grupo seletivo de jovens rapazes. Nessas reuniões, sentados à mesa e com o mestre na cabeceira, os aspirantes às letras se viam envolvidos a discussões que iam dos romancistas russos aos naturalistas franceses, dos sistemas filosóficos contemporâneos à literatura portuguesa e brasileira. Tais trocas culminaram na criação do jornal **O Século** (Figura 01) em 1889 à sombra diretora do mestre Béthencourt e redação de Aluísio Porto, Montrose Miranda, Manoel Nina, Fausto Fragoso, Pacífico Bessa e Antônio Lobo, o periódico desapareceu no ano seguinte de sua fundação ante as dificuldades de subsistência. (LOBO, 1909).

FIGURA 01 – Jornal O Século



Fonte: O Século, 1890, ano 2, p.1.

No cenário literário, o nascimento d'**O Século** demarca a primeira tentativa de revigoração intelectual do Maranhão no final do século XIX, para Lobo (1909) e Martins (2006) o pequeno periódico dos estudantes do Liceu é o resultado concreto das **Cavatina** ou **Cavacos Literários** promovidos por Béthencourt, que ao acolher e aconselhar os liceístas, os **Cavaqueadores**, “[...] amistosamente, em franca e íntima

⁸ Uma das figuras mais importantes na tentativa de revigoração cultural e intelectual do Maranhão no final do século XIX, Manuel de Béthencourt, português radicado no Maranhão, foi professor de Filosofia do Liceu Maranhense, jornalista, crítico literário, redator dos periódicos literários **Philomathia** e **O Estudante**, além de grande amigo e incentivador da juventude letrada de São Luís. (MORAES, 1976).

camaradagem, sem que procurasse afetar os ares clássicos de mestre-escola, a dominar pela carranca conselheiral e doutrinária.” (LOBO, 1909, p. 38), influenciou toda uma geração a reestabelecer, *in lócus*, a supremacia intelectual da decantada Atenas Brasileira, uma vez que,

[...] vida literária local absolutamente a não tínhamos e que, se continuávamos condignamente representados, na cultura geral brasileira, não era absolutamente pelo que aqui fazíamos, e sim pelo que na capital operavam os escritores maranhenses, muito cedo emigrados da terra natal, em busca de campo propício para às múltiplas expansões da sua atividade espiritual. (LOBO, 1909, p.36).

O impacto da distribuição d’O Século foi narrado com distinção por um dos mais representativos órgãos da grande imprensa maranhense no período oitocentista: a **Pacotilha** destacou em suas páginas o movimento da primeira folha escrita por estudantes do Liceu ressaltando, sobretudo, os anseios de seus produtores, a qualidade de sua escrita, e as ilustres contribuições recebidas em sua breve vida (Figura 02 e 03). Quando da sua “[...] pequena interrupção de meses, até 1890” (LOBO, 1909, p.41), a **Pacotilha**, como o proclamador oficial da imprensa da mocidade, conclamou a volta d’O Século com notável entusiasmo, manifestando que seu reaparecimento “[...] por fim e, como d’antes, [veio] cheio de versos, artigos de literatura e o mais que tanto se deliciam os moços.” (PACOTILHA, 1890, ano 10, n. 205, p.2).

FIGURA 02 – Jornalsinho O Século

Distribuiu-se hoje o n. 3 do *Seculo*, o jornalsinho em que uns estudantes do nosso Lyceu ensaião-se para as lutas futuras da imprensa. Vem bem escripto, recheiado de artigos de litteratura e de versos e uns artigos de collaboração de Augusto Fragoso; dr. Lima Campos e Dunshee de Abranches. Está attrahente o *Seculo*.

Fonte: Pacotilha, 1890, p.4, ano 10, n. 53.

FIGURA 03 – Reaparecimento do Jornalsinho O Século

Lembram-se ainda nossas leitoras d’aquelle jornalsinho litterario em que a nossa mocidade estudiosa alirava aos quatro ventos as suas producções poelicas e contetos cheios das filigranas d’um estylo primoroso?

Recordam-se ainda do *Seculo* ?

Pois elle vai apparecer de novo: resurge amanhã, depois de cinco mezes de um prolongado lethargo, que parecia a morte.

Reapparece por fim e, como d’antes, cheio de versos, artigos de litteratura e o mais em que tanto se deliciam os moços.

Fonte: Pacotilha, 1890, p.2, ano 10, n. 205.

Relembrado como o jornal onde Antonio Lobo fez sua estreia na imprensa, **O Século** também foi palco para o lançamento do poeta Aluísio Porto⁹ e exposição de artigos dos já consagrados: Augusto Fragoso¹⁰ e Dunshee de Abranches¹¹, além de ter recebido incentivos monetários de figuras como Pacífico Bessa, funcionário público da fazenda e poeta nas horas vagas. Embora a empreitada da mocidade tenha angariado vários colaboradores, a publicação do jornalsinho passou por diversas dificuldades durante sua breve vida, dentre uma parada de cinco meses, a folha estudantil desapareceu definitivamente ainda em 1890. (LOBO, 1909).

A efemeridade demonstrada pelo primeiro jornal liceísta não indicou a morte prematura desse tipo de imprensa no Maranhão, para além ela atribuiu aos jornais estudantais características próprias que influenciaram não só na sua composição material, mas na determinação de práticas específicas de sobrevivência, que envolveram diversos eixos e atores da sociedade maranhense, bem como expôs os anseios de um grupo no que tange a construção da República no Brasil e, principalmente, quanto à formação e manutenção da vida intelectual maranhense. Martins (2006, p. 122) conclui que,

O empreendimento teve duração efêmera, mas conseguiu indicar a mocidade letrada veredas passíveis de serem trilhadas por possíveis movimentos de ressurreição cultural do Maranhão, que tivessem por orientação ideias seculares, materialistas e modernas.

Nesse sentido, a influência do professorado, o apoio da grande imprensa, o envolvimento da comunidade intelectual na concepção, organização e divulgação d'**O Século** foram características que permearam todas as publicações liceístas do início republicano, que ao criaram um novo modo de se relacionar com o veículo impresso, no que diz respeito à “[...] apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações [...]” (BAHIA, 1990, p.9), estabeleceram um novo segmento da imprensa maranhense encabeçada por estudantes do Liceu.

Após o desaparecimento d'**O Século** em 1890, uma série de periódicos vinculados ao Liceu Maranhense começaram a surgir em São Luís, foram eles: **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Porvir** (1895), **O Ideal** (1898) e **A Actualidade** (1900). Uma rápida topografia dessa imprensa demonstra que a atividade

⁹ Notável poeta e jornalista que faleceu precocemente aos 21 anos. (LOBO, 1909).

¹⁰ General e Bacharel pela Escola Superior de Guerra. Participou ativamente no processo de proclamação da República e como chefe do Estado-Maior do Exército na Era Vargas.

¹¹ Doutor em Direito, professor, escritor, jornalista e parlamentar. Abranches também foi fundador do jornal **O Censor** no Maranhão durante o período Imperial (MORAES, 1976).

jornalística estudantil liceísta foi materializada nos moldes da tradicional gazeta monárquica: sem uso de recursos tipográficos mais sofisticados e hipervalorizando o texto, esse inscrito sempre em quatro folhas, divididas cada uma por três colunas. Se por um lado a forma dos periódicos denotava atraso frente às novas técnicas de impressão e ilustração, por outro, ela expressava o grande esforço coletivo, em prol da iniciativa estudantil, de se fazer circular ideias e informações mesmo diante das dificuldades econômicas de se manter periodicidade e longevidade aos jornais no século XIX.

Portanto, é ao abrigo dessa configuração material que o jornal liceísta **O Ensaio** (Figura 04), criado em 1890, longe de querer indicar já em seu título o gênero literário a ser exaltado em suas páginas, pretendia ser o palco e o próprio ensaio das primeiras lides jornalísticas de jovens estudantes. Circulando duas vezes ao mês, ele perdurou até 1891, com impressão pela **Tipografia da Pacotilha**¹².

FIGURA 04 – Jornal O Ensaio



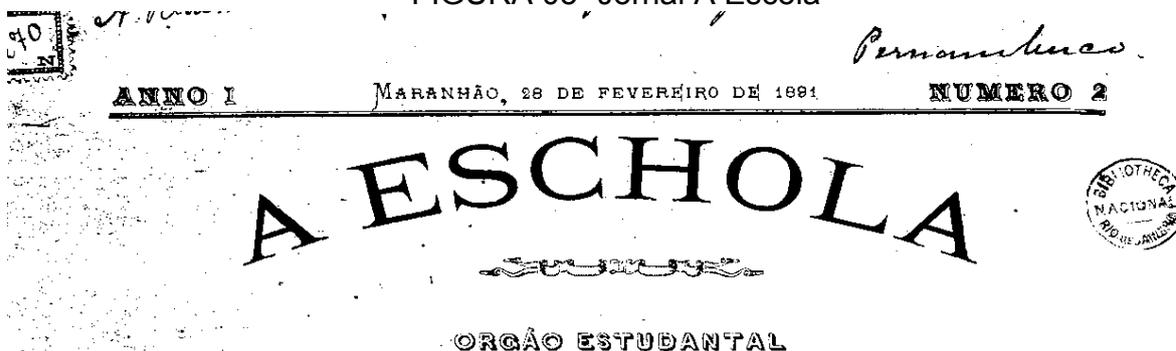
Fonte: O Ensaio, 1890, ano 1, n.1, p.1.

Mesmo sendo uma iniciativa de estudantes, a folha apresentava projeto editorial consistente no que tange a sua produção e circulação. Com a redação de J. C. Raposo Junior, Archilles Lisboa e Alcides Pereira o jornal aceitava colaborações de assinantes, desde que esses pagassem mensalmente o valor de 300 réis. Sobre os termos de assinatura o periódico adiantava que “Aqueles pessoas a quem dirigimos o nosso jornal e que não o devolverem no prazo de três dias serão considerados assinantes.” (O ENSAIO, 1890, p.4, ano 1, n.1).

¹² Tipografia pertencente ao jornal **Pacotilha** que imprimia papel, cartões e cetim em prelos mecânicos, com tipos de fundição americana, a preços baixos. (PACOTILHA, 1881, ano 1, n. 6, p.4).

Somando para o crescimento da imprensa liceísta, em 1891 o pequeno jornal **A Eschola** (Figura 05) se apresentou à sociedade maranhense como, mais um, representante da classe estudantil e defensor da instrução, a partir de suas crônicas, poesias e artigos críticos. De saída mensal, ele não mencionava qualquer tipo de expediente, valores ou formas de assinatura o que pode ser indicio de gratuidade ou de distribuição seleta, com pouca tiragem. Igualmente a seu antecessor, **A Eschola** também estava no rol das impressões realizadas pela Tipografia da **Pacotilha**.

FIGURA 05- Jornal A Escola



Fonte: A Eschola, 1891, ano 1, n. 2, p.1.

Único representante do jornalismo discente do Liceu impresso por **J.C. Leite**, **O Porvir** (Figura 06), colocado para circular no dia 15 de junho de 1895, acompanhava os moldes das publicações realizadas por seus outros companheiros de imprensa. Ao se apresentar o jornal sugere a sua criação como “Despretensiosamente, sem estulta pretensão de ocupar um lugar saliente entre os órgãos ilustres, e criteriosos da imprensa jornalística maranhense [...]” (O PORVIR, 1895, ano 1, n. 1, p.1).

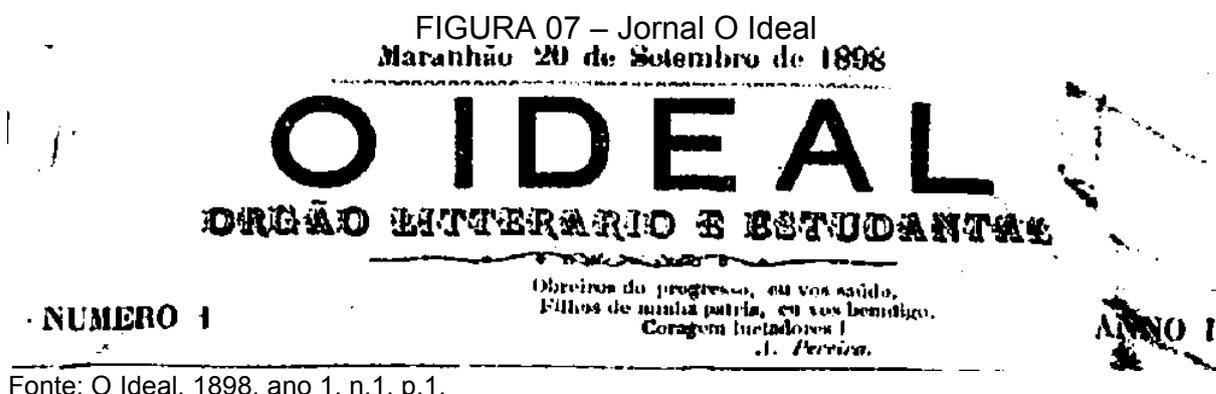
FIGURA 06 - Jornal O Porvir



Fonte: O Porvir, 1895, ano 1, n. 1, p.1.

Tendo como epígrafe: “O trabalho e a sciencia são d’ora em diante os senhores do mundo”, a folha estudantil buscou arranjar sua publicação em um formato mais comercial, onde as informações sobre os termos de aquisição e valores eram apresentados logo na primeira página do jornal. Circulando uma vez ao mês **O Porvir** era vendido a 300 réis, em sistema de pagamento adiantado. Destaca-se na sua estrutura a permanência das seções **Literatura** e **Noticiário**, a primeira apresentando sonetos e contos de focos variados e a segunda dissertando sobre os fatos da cidade, sempre dando relativa ênfase aos acontecimentos do Liceu Maranhense.

O Ideal (Figura 07), órgão literário e estudantil da mocidade liceísta, saiu pela primeira vez no dia 20 de setembro de 1898. Com redação situada na Rua Formosa n.18, prédio onde funcionava o Liceu, o pequeno periódico carregava uma epígrafe, assim como seu antecessor, que dizia: “Obreiros do progresso, eu vos saúdo, Filhos da minha pátria, eu vos bendigo. Coragem, luctadores!”, cuja autoria era de A. Pereira. Seguindo a periodicidade dos demais jornais estudantis, ele circulou uma vez ao mês em dias indeterminados.

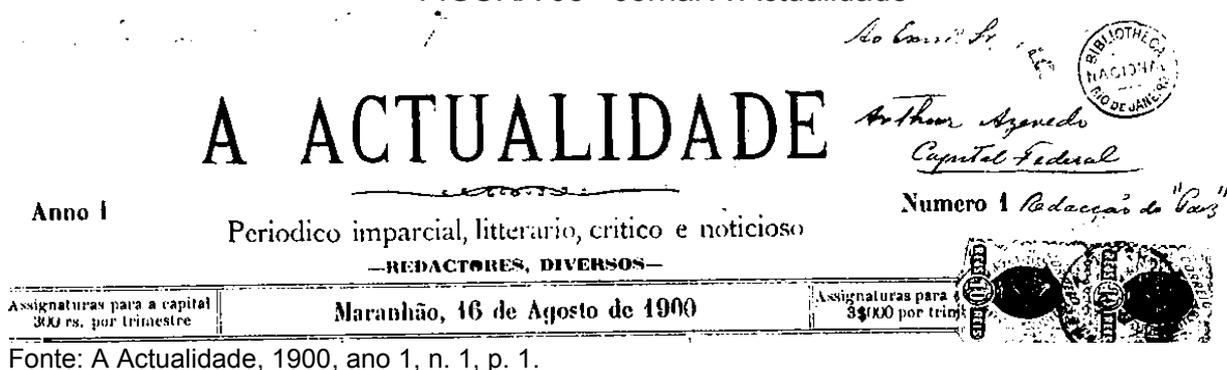


Ao integrar o aspecto literário a sua apresentação **O Ideal** inaugurou a prática de associação dos jornais liceístas, como órgãos, aos grêmios literários. O “interessante jornalsinho da mocidade estudiosa” (PACOTILHA, 1898, ano 18, n. 246, p.3) passou a ser vinculado ao **Grêmio Literário Estudantil** em 1899, tal agremiação se estabeleceu na sociedade maranhense com distinta atuação e reconhecimento, sendo citada frequentemente, por jornais diários da capital até 1906, pela participação em eventos sociais e cívicos da cidade. Com impressão sob a responsabilidade de **Antonio Perreira Ramos d’Almeida & C. Succs**, embora o jornal apresente dados sobre o seu expediente, ele não informa valores ou formas

de aquisição, de modo que se infere que a folha era gratuita ou de distribuição seleta.

Por fim **A Actualidade** (Figura 08), periódico imparcial, literário, crítico e noticioso, foi o último jornal liceísta posto para circular ainda no século XIX.

FIGURA 08 - Jornal A Actualidade



Fonte: A Actualidade, 1900, ano 1, n. 1, p. 1.

Criado em 1900, com redação situada no consistório de São João, na Rua da Paz, o jornal apresentava um projeto editorial arrojado. Também impresso pela Tipografia Antonio Pereira Ramos d'Almeida & C.ª Succs, **A Actualidade** seguiu os moldes tradicionais das publicações estudantis liceístas, no entanto inovou na sua periodicidade, saindo 3 vezes ao mês e em dias exatos, do mesmo modo que não assumiu o caráter de órgão estudantil como os pioneiros da imprensa liceísta. Sob a direção de Luís Carvalho e Henrique Fernandes, com colaboração de importantes intelectuais da época, o jornal era vendido a 300 réis na capital e 3\$000 no interior, obedecendo ao sistema de assinatura trimestral.

Em síntese, as publicações estudantis liceístas do início da Primeira República adotaram um estilo próprio de jornalismo, seja pelas influências internas ou externas dos diversos atores sociais e instituições que ajudaram na sua construção, elas foram reconhecidos pela “[...] sua maneira de escrever e de ser do [seu] veículo. Os [...] aspectos de ritmo, jeito, equilíbrio, linguagem, apresentação, símbolos, ética e personalidade.” (BAHIA, 1990, p.82) deram voz aos anseios da comunidade discente do Liceu Maranhense. Nesse sentido, a seguir, apresentamos a imprensa estudantil liceísta em sua **Natureza**, que é distinta do resto da imprensa maranhense e dada a ler a partir dos **Jornalsinhos Litterários Liceístas**; **Função**, enquanto **Órgão Estudantil**, vital para dar voz ao corpo de alunos do Liceu, que de tão vivo contaminou diversos atores e instituições sociais, ao ponto de refletir neles responsabilidades para com os pequenos periódicos; e **Finalidade**, o marco comum

que uniu toda a empreitada estudantil e todos os outros eixos da sociedade que ajudaram na sua construção, em busca do reestabelecimento da esquecida **Atenas Brasileira**.

2.1 Os Jornalsinhos Litterarios Liceístas

Na busca por referências externas sobre a natureza dos impressos liceístas pode-se constatar que o empreendimento realizado pelos estudantes do Liceu ganhou notoriedade, reconhecimento e aceitação dentro da grande imprensa e sociedade ludovicense. Com lugar de destaque nas páginas dos grandes jornais diários de São Luís, os pequenos periódicos estudantais foram promovidos com a mesma ênfase, elegância e criticidade que os tradicionais impressos do Maranhão e Brasil. Entre saudações de boas-vindas, anúncios de números especiais e participações em eventos sociais, os jornais escritos pelos estudantes foram lembrados por suas contribuições a vida cultural e literária da capital (Figuras 09 e 10).

FIGURA 09 - Jornalsinho
O Porvir

«O Porvir»
É este o nome de um jornalzinho litterario, creado por iniciativa de uma pleiade de rapazes novos e intelligentes.
Agradecendo o exemplar que nos mandaram, desejamos que seja duradoura a vida do novo campeão.

Fonte: Pacotilha, 1895, ano 15, n.143, p.2.

FIGURA 10 - Jornalsinho
O Ensaio

Foi hoje distribuido o n. 1.º do **Ensaio**, jornalzinho litterario, que se destina a ser orgão da classe estudantal.
Veiu cheio de artigos bem traçados e escriptos com o entusiasmo proprio da mocidade.

Fonte: Pacotilha, 1890, ano 10, n. 248, p.3.

O prestígio conferido as publicações estudantais era sempre acompanhado de uma linguagem própria, com destaque para o uso de adjetivos no diminutivo e a identificação de seus produtores, em uma clara referência ao estágio de sua inteligência e aspirações no universo da imprensa. Nesse contexto, o jornal diário **Pacotilha** atuou como o mais atento mestre de cerimônias e agente publicitário da imprensa da mocidade, a partir da ideia do **Jornalsinho**, funcionando como sinônimo de folha periódica de segmentos muito específicos, sendo uma grande parcela deles elaborado por estudantes que utilizavam os impressos como meio de

aprendizagem da carreira jornalística e, principalmente, como instrumento para desenvolver a sua intelectualidade.

Segundo Furtado (2016) e Borges (2017) o cenário da imprensa estudantil maranhense, no período da primeira República, era composto por jornais ligados a instituições de ensino primário e secundário. A distribuição dos impressos por esses dois nichos do campo educacional maranhense instaurou práticas diferenciadas de jornalismo e, conseqüentemente, a criação e circulação de periódicos com objetivos distintos. Dessa forma, para as autoras, os jornais estudantis primários possuíam perfil mais institucional e de autopromoção, com foco na prática pedagógica e no desenvolvimento do alunado, tudo supervisionado pelo corpo docente da escola. Por outro lado, as folhas cuja responsabilidade era dos estudantes do ensino secundário, detinham caráter mais informativo e sem grandes amarras para sua publicação, seu maior objetivo era, a partir da publicação de seus escritos, fomentar a vida literária do Maranhão.

Assim devido à preposição tomada por seus idealizadores, que visavam o fortalecimento das letras no Estado, e ao clima que sua instituição originária oferecia e imprimia na sociedade os impressos liceístas: **O Século** (1889); **O Ensaio** (1890); **A Eschola** (1891); **O Porvir** (1895); **O Ideal** (1898); e **A Actualidade** (1900), foram divulgados e caracterizados como **Jornalsinhos Litterarios**. Cohen (2015, p. 107) sinaliza que o uso da denominação Literária para periódicos que refletem laços profundos entre o jornalismo e a literatura no Brasil, fato esse que se intensificou no final do século XIX com a profissionalização da atividade literária nos jornais e revistas, resultando assim no aparecimento de diversos “Jornais Literários” que não se limitavam apenas as colunas literárias e ultrapassavam esse escopo, abordando temas sobre arte, literatura e teatro. No caso específico da imprensa liceísta, além da tradição de sua instituição originária e da presença de interessantes artigos “[...] bem traçadinhos e escriptos com o entusiasmo próprio da mocidade.” (PACOTILHA, 1890, ano 10, n.248, p. 3), os jornalsinhos foram identificados como de cunho literário, pois os estudantes não descartavam de sua composição outras temáticas como a crônica cotidiana e o noticiário.

Por outro lado a característica Literária, dada aos jornalsinhos pela grande imprensa, pode ser entendida na medida em que compreendemos a representatividade do Liceu, enquanto a maior e mais tradicional instituição de ensino do Maranhão, durante todo o século XIX. Com um currículo humanista,

baseado no modelo Francês de ensino secundário, o Liceu Maranhense foi incumbido de “[...] proporcionar gratuitamente a cultura intellectual precisa para a matrícula nos cursos superiores da República e dar a educação e instrucção integraes, necessárias ao cidadão”. (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1895, p. 40), a partir do oferecimento do Curso de Ciências e Letras que, ao ser equiparado ao Ginásio Nacional em 1895, conferia o título de bacharel, necessária para o ingresso nas Academias, a seus concluintes. Nesse sentido, ante a inexistência de cursos superiores no Estado, o que só se tornaria uma realidade nas primeiras décadas do século XX com a criação das Faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia, coube aos bacharéis formados pelo Liceu a tarefa de ocupar os cargos do aparelho burocrático maranhense. Sobre esse aspecto, o próprio Regulamento do Liceu assegura que, das regalias dadas aos liceístas que tivessem concluído integralmente o Curso de Ciências e Letras, a primeira seria “[...] preferencia para qualquer emprego público Estado, dependente ou não de concurso, para o qual não forem exigidas habilitações especiaes [e] technicas.” (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1895, p.58), e a segunda, a “[...] preferencia para os logares de Lentes do Lyceu Maranhense e Eschola Normal (quando para os desta não se apresentarem normalistas), ou qualquer outro estabelecimento de instrucção do Estado.” (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1895, p.58).

Assim, os jornalsinhos ganharam a qualidade de literários, pois sua produção perpassava pela principal instituição de formação do pensamento cultural e intellectual do Maranhão no final do século XIX: O Liceu Maranhense, onde cercados dos mais importantes literatos do Maranhão, como mestres, e instruídos para atingir os mais altos níveis da inteligência e esfera social, que o novo regime poderia oferecer, o alunado liceísta encontrava na prática jornalística um ambiente favorável para desenvolver e aplicar os conhecimentos adquiridos na escola, ao mesmo tempo em que se autopromoviam, enquanto mentes cultas e letradas, para a sociedade maranhense.

Isso posto, o peso da característica literária associada ao forte apreço que o Liceu possuía fez com que os impressos estudantais dessa instituição fossem reconhecidos, identificados e promovidos como **Jornalsinhos Litterarios Liceístas**. De modo geral, tanto a grande imprensa maranhense quanto os próprios liceístas ao realizarem referências ao Liceu, em suas publicações de promoção dos jornalsinhos,

destacavam, também, o estágio que esses estudantes/jornalistas ocupavam na instituição (Figura 11 e 12).

FIGURA 11- Jornalsinho
A Eschola

Foi hoje distribuido o n. 3 do interessante jornalsinho A Eschola, redigido por diversos estudantes do Lyceo.

Fonte: Pacotilha, 1891, ano 11, n.82, p.3.

FIGURA 12- Jornalsinho A
Actualidade

A «Actualidade», bem escripto jornalsinho, de moços que cursão os estudos preparatorios em nosso Lyceu, sahiu hoje em edição especial, honrando a sua primeira pagina com a gravura do busto de Gonçalves Dias. E' mais uma homenagem à memoria do insigne lyrico brasileiro.

Fonte: Pacotilha, 1900, ano 20, n. 261, p.2.

Nesse sentido, a partir da identificação de seus produtores, percebemos que a natureza dos impressos liceístas, dentro da instituição escolar, é variada. Assim, dentre os seis jornalsinhos que compõem a imprensa liceísta do início da Primeira República, três eram de responsabilidade dos alunos de preparatórios, dois “[...] redigido por diversos estudantes do Lyceo” (PACOTILHA, 1891, ano 11, n.82, p.3), e um idealizado por liceístas do Grêmio Literário Estudantal.

Segundo o Regulamento do Lyceu Maranhense (1895), cabe destacar que embora o Liceu Maranhense só ofertasse o Curso de Ciências e Letras, esse distribuído em sete anos, também era permitida a inscrição de estudantes nas ditas Aulas Avulsas que equivaliam “[...] as cadeiras já existentes no Lyceu Maranhense e que [...] [podiam ser] requeridas somente nos anos superiores ao segundo.” (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1895, p.69). Tais cadeiras eram destinadas àqueles alunos que não desejavam ou não podiam trabalhar integralmente o Curso de Bacharel em Ciências e Letras, uma vez que, mesmo sendo uma instituição pública, o Liceu cobrava taxas, em torno de cinco mil reis, para matrícula em cada disciplina do calendário anual de estudos. Por outro lado, aos alunos que podiam cursar plenamente o Curso de Ciências e Letras, além da preferência para ocupação de cargos públicos, os bacharéis formados pelo Liceu eram dispensados da realização dos Exames Gerais Preparatórios, pois “O candidato aprovado nos exames de madureza do Lyceu Maranhense terá direito a

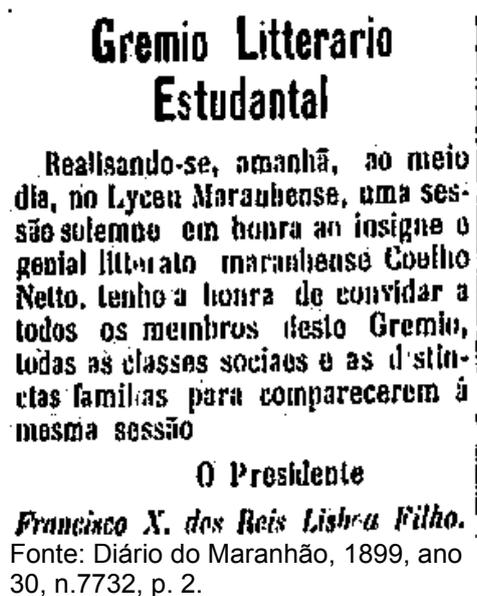
matrícula em qualquer academia da República.” (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1893, p.58).

Nesse sentido, diante da distribuição do alunado no Liceu Maranhense, entendemos que a criação do jornal **O Século**, em 1889, e **A Eschola**, em 1891, se deu pela reunião de diversos alunos independente do ano ou da modalidade de ensino (Aulas avulsas ou Curso de Ciências e Letras) que estivessem cursando, por isso sua identificação pela grande imprensa foi feita sem referências ao nível que seus produtores ocupavam no Liceu.

Por outro lado, a estruturação de uma folha ligada ao Grêmio Litterario Estudantal, como foi o caso do periódico **O Ideal** em 1898, nos indica a presença de uma articulação discente liceísta mais sofisticada. A criação do Grêmio Litterario Estudantal data do dia 13 de abril de 1899, ou seja, sete meses após a saída do primeiro exemplar d'**O Ideal**, tal organização nos revela que a associação de um jornzinho à um grêmio ou clube estudantal, na realidade liceísta, era algo inevitável e imprescindível, tendo em vista que a institucionalização das práticas discentes, no âmbito do jornalismo e das letras, acarretavam o estabelecimento de normas e responsabilidades para o jovens jornalistas, contribuindo assim para a longevidade e reconhecimento dos impressos.

Desse modo, imbuídos de estatutos e corpo social definido, não pudemos constatar a origem dos integrantes do jornal **O Ideal** dentro do Liceu, uma vez que a criação do Gremio Litterario Estudantal extrapolou os domínios físicos e os cognomes que o pertencimento a essa instituição de ensino ocasionava. No entanto, ao criar uma instituição própria com práticas específicas, dentre elas a manutenção de um jornal, com representatividade e atuação na sociedade ludovicense **O Ideal** e, conseqüentemente, o Gremio Litterario Estudantal ganharam destaque na grande imprensa, quer por participações em eventos sociais ou pela promoção de reuniões (Figura 13).

FIGURA 13- Nota sobre reunião do
Gremio Litterario Estudantal



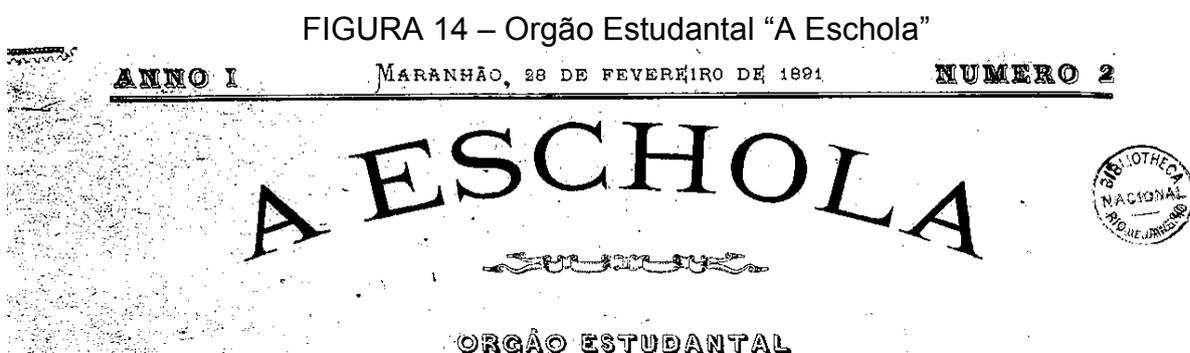
Por fim, os jornais **O Ensaio** (1890), **O Porvir** (1895) e **A Actualidade** (1900) tanto na sua divulgação via **Pacotilha**, quanto na apresentação de seus editoriais de abertura, faziam referências ao estágio que ocupavam dentro do Liceu Maranhense, ao se intitularem como os “[...] estudantes de preparatórios, [...] jovens que estudam desejando ardentemente sorver a largos haustos a pura essência da instrução,” (O PORVIR, 1895, ano 1, n.1, p.1), a partir da publicação de seus impressos. Dito isso, entendemos que os termos estudante de preparatórios e/ou prepatorianos utilizados como estratégia de identificação, derivam da condição do aluno do ensino secundário que iria ingressar no ensino superior, a partir dos Exames Gerais Preparatórios, ou seja, o exame público no qual os estudantes do ensino secundário de todo o país eram submetidos a uma avaliação por escrito de matérias determinadas como preparatórias para ingresso nas Academias. (TELES; OLIVEIRA, 2007).

Nesse sentido, a predominância de publicações dos estudantes de preparatórios pode ser entendida pelo fato de que esses alunos, em tese, já teriam alcançado o maior nível de instrução que a cidade e o Liceu Maranhense poderiam oferecer, e por isso a prática jornalística seria inevitável para o aprimoramento intelectual e difusão dos conhecimentos adquiridos. Em contrapartida, a organização desses estudantes em torno do nome de prepatorianos também funcionava como instrumento de promoção, pois ao se identificarem como tal imprimiam para seus leitores suas aspirações no campo intelectual, sobretudo no que diz respeito ao

encaminhamento à formação Acadêmica, pré-requisito fundamental para ocupar os mais altos cargos administrativos do Estado.

2.2 As Funções Sociais dos Orgãos Estudantais

Com exceção d'O Século, cada jornalsinho liceísta da primeira década republicana foi apresentado à sociedade e imprensa maranhense, logo abaixo de seu título, como um **Orgão Estudantal** (Figura 14). Por Orgão Estudantal entende-se, por um lado, o nome dado pelos estudantes ao veículo que viabilizou a existência e circulação dos periódicos, por outro, um tipo específico de marca ou maneira exclusiva de se fazer jornalismo.



Fonte: A Eschola, 1891, ano 1, n.2, p.1.

Em tese, a utilização da expressão: Orgão Estudantal seria pertinente a qualquer reunião de alunos do Liceu que abraçasse a ideia de criar uma folha periódica, no entanto, essa concepção não foi bem aceita pelos percursos da imprensa liceísta, que ao se depararem com o uso “incorreto” do sobredito renome, teriam delineado parâmetros para o enquadramento dos jornais como órgãos estudantais e, conseqüentemente, travaram lutas no campo da imprensa liceísta pelo reconhecimento, ou não, desse título. Tais disputas iniciaram após o surgimento do jornal **A Eschola** em 1891, que ao se apresentar a sociedade como mais um Orgão Estudantal e representante da classe estudantal provocou estranhamento à outra folha, que rapidamente traduziu suas impressões em duras críticas, ao ponto de serem respondidas pelo próprio criticado na primeira página de seu 2º número.

A ESCHOLA

Maranhão, 28 de fevereiro de 1891.

A publicação da “Eschola” causou má impressão aqueles que se reputam verdadeiros interpretantes dos sentimentos da classe estudantal.

Quando resolvemos levar a efeito a criação de um periódico literário, compreendíamos a necessidade de um jornal que advogasse os nossos interesses individuais de quem quer que fosse.

Se a Eschola não representa a classe estudantal, como há quem afirme, qual o jornal que desempenhe esse importante papel?

Uma sociedade particular, composta de limitadíssimo número de pessoas, nem sempre pode afirmar que uma folha qualquer represente na imprensa os interesses da classe a que pertencem seus sócios.

Se um jornal, em tais condições, arroga-se o direito de defender a classe estudantal, porque razão não podemos gozar do mesmo direito?

Há quem ignore ou finja ignorar qual a nossa missão na imprensa maranhense.

Não tem razão quem pretende apostrofar com um disparate desta ordem.

A Eschola é um jornal que se declara francamente – órgão estudantal: é, pois, intuitivo que sua missão é pugnar pelos interesses da classe que representa, é trabalhar para a difusão da instrução.

A Eschola não declara quais são os seus redatores, porque julga desnecessário enumerar todas as pessoas que a redigem; uma vez que as principais entre elas tenham coragem de firmar seus escritos.

Garante porem, que todos eles são solidários e como tais acarretam com a responsabilidade de qualquer artigo que apareça nas suas colunas.

É o que temos a dizer aqueles que não nos receberam com as regras impostas pela delicadeza. (A ESCHOLA, 1891, ano 1, n.2, p.1, grifo nosso).

As indelicadezas recebidas pelo jornal, que as reclama sem citar nomes, podem ter sido motivadas por uma disputa de *status* frente à imprensa maranhense, nesse contexto, o jornalsinho **O Ensaio** criado um ano antes, em 1890, parece ser o indelicado, isso porque a aparição d'**A Eschola** afetou diretamente a exclusividade de **Órgão Estudantal** ostentada por ele desde seu primeiro número, o seu editorial de abertura.

O ENSAIO

Maranhão 13 de setembro de 1890

A imprensa e a tribuna são os dois principais órgãos da manifestação do pensamento e ao mesmo tempo os dois motores mais poderosos do desenvolvimento intelectual.

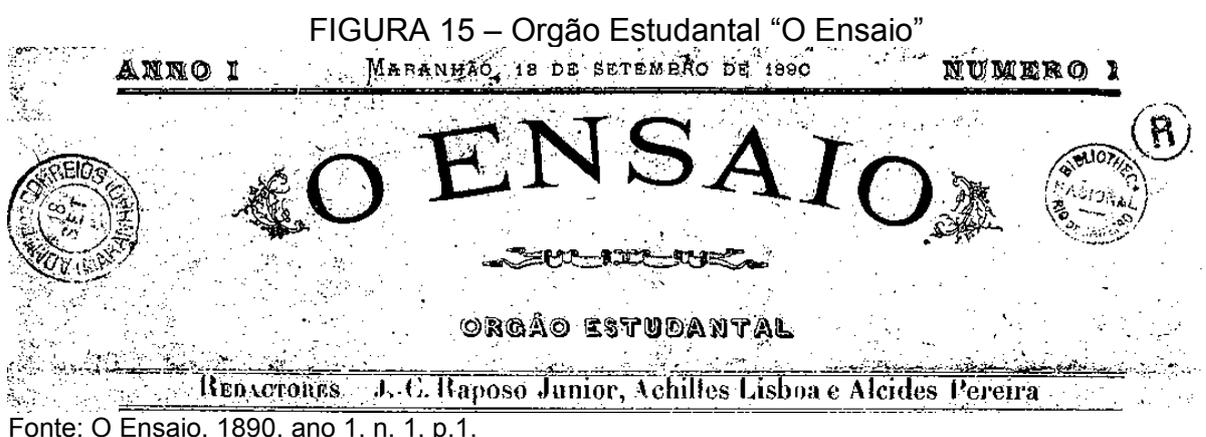
O Ensaio que hoje aparece pela primeira vez á luz da publicidade destina-se ao preenchimento deste desiderato, oferecendo a mocidade que estuda um meio de tornar-se conhecidas as suas lucubrações e dar ao espirito, maior vigor pelo exercício das letras.

Órgão da classe estudantal, conformar-se-á com as, suas aspirações, traduzindo as suas impressões, o seu modo de sentir, a sua maneira de ver as coisas, dentro do circulo que as forças dos

seus redatores permitirem-lhe agir. (O ENSAIO, 1890, ano 1, n.1, p.1, grifo nosso).

Vale destacar que **O Ensaio** e **A Eschola** possuem natureza distinta dentro do Liceu Maranhense, o primeiro idealizado exclusivamente por preparatorianos e o segundo por “diversos alunos” ou uma reunião dos prepatorianos com estudantes das aulas avulsas. Nesse contexto, **O Ensaio** como um dos precursores da imprensa liceísta poderia ter questionado o título de Órgão Estudantal de seu contemporâneo pelo simples fato dele ter sido idealizado por diversos alunos do Liceu, e não pelos estudantes de preparatórios.

Ademais, ao assumir em sua resposta/desabafo que “A Eschola não declara quais são os seus redatores, porque julga desnecessário enumerar todas as pessoas que a redigem; uma vez que as principais entre elas tenham coragem de firmar seus escritos.” (A ESCHOLA, 1891, ano 1, n.2, p.1), esse jornal alfineta diretamente um dos principais aspectos de apresentação d’**O Ensaio**, que nomeia todos os seus redatores em sua primeira página (Figura 15), colaborando dessa forma com a ideia de que esse jornalsinho se saiu como um péssimo anfitrião.



A importância conferida ao uso da expressão: Órgão Estudantal por esses dois jornais, dado ao mal-estar gerado, esteve fundamentada diretamente aos objetivos traçados pelas publicações estudantis, tendo em vista que “[...] os subtítulos, na maioria das vezes trazem indicações valiosas sobre quem fala e para quem almeja falar determinada publicação [...] e, também, sobre a natureza do conteúdo que pretende articular em seu projeto.” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 201). A disputa instaurada entre os liceístas **O Ensaio** e **A Eschola** foi o primeiro embate sobre os reais predicados e características que um jornal estudantil deveria ter para adentrar ao seio da imprensa maranhense, para além, foi a partir desse conflito que

os órgãos estudantais ganharam um estilo específico que os fizeram ser identificados como pertencentes à imprensa periódica liceísta e, principalmente, conferiram certa personalidade a cada periódico discente do Liceu da primeira década republicana. Em vista disso, os seguintes jornalsinhos que surgiram, passaram a incorporar outros elementos a expressão Orgão Estudantal, deixando ela de existir em 1900 com a fundação do jornal **A Actualidade**.

QUADRO 03 – Movimento dos Orgãos Estudantais Liceístas (1890-1900)

Ano de criação	Jornal	Subtítulo
1890	O Ensaio	Orgão Estudantal
1891	A Eschola	Orgão Estudantal
1895	O Porvir	Orgão da Classe Estudantal
1898	O Ideal	Orgão Literário e Estudantal
1900	A Actualidade	Periódico Imparcial, Litterario, Critico e Noticioso.

Fonte: a autora, 2018.

Assim, a introdução do termo classe pelo **O Porvir** sugere a vontade desse jornal em se afastar de qualquer polêmica sobre sua origem dentro do Liceu Maranhense, além de tentar se esquivar de possíveis encontros com seus companheiros de imprensa, embora ele tenha sido uma iniciativa dos estudantes de preparatórios e se apresente como tal ao se assumir como Orgão da Classe Estudantal, esse jornalsinho teve a intenção de contemplar não só a comunidade liceísta, mas a todos os estudantes maranhenses, seja pelo que discursou ou a quem se distribuiu. Já a incorporação do aspecto literário pelo jornal **O Ideal** conferiu a ele distinção entre os demais órgãos estudantais, uma vez que suas práticas originavam do **Gremio Litterário Estudantal**, o que denotava uma refinada organização em torno da folha periódica e uma maior representatividade desses estudantes na sociedade maranhense, por essa razão, habitualmente, a associação a qual pertencia O Ideal era citada na grande imprensa por suas contribuições a vida literária e eventos sociais da capital.

De modo geral, assim como os órgãos celulares, os Orgãos Estudantais desempenharam funções específicas, chegando a assumir o papel de instrumento vital para a ressuscitação e manutenção de uma vida literária e cultural que preocupava diversos eixos da sociedade maranhense no início da Primeira República. Para a classe estudantal, a sua movimentação em torno dos jornais buscou, principalmente, o desenvolvimento intelectual discente, pois seus anseios,

Não se apresenta[vam], portanto, com pretensões que seriam ridículas, por demasiado exageradas; não pretende[iam] vir trazer lustre à imprensa maranhense em que se alista[va], mas sim, como parte dessa imprensa, oferecer[ndo] a uma classe, a dos estudantes de preparatórios, **ensejo para cultivar a inteligência, pelo estímulo que sempre proporciona a facilidade da publicação dos escritos.** (O ENSAIO, 1890, n. 1, p. 1, grifo nosso).

Simbolicamente o aparecimento dos jornalsinhos refletiu e acarretou responsabilidades e comprometimento de personalidades e instituições que subsidiaram a produção e circulação desse tipo de jornalismo no Maranhão. Quando postos para circular, os impressos estudantais assumiram distintas funções para igualmente diversos segmentos da sociedade maranhense, que a partir das redes de relações apresentadas pelos periódicos, identificamos os agentes sociais encarregados por instruir, formar, incentivar, aceitar e divulgar a empreitada dos jovens jornalistas. Em um processo cíclico a imprensa liceísta promoveu e fomentou dos professores do Liceu a própria instituição de ensino, do círculo intelectual ludovicense à imprensa maranhense.

Para os mestres, o aparecimento de um jornal organizado por seus alunos indicou o alargamento de seu campo de atuação, tendo em vista o trabalho desempenhado pelos professores que nessa época exerciam muitas vezes as atividades de mentor, literato, político e jornalista e possuíam “[...] conhecimento e poder de frequentar com distinção, outros domínios do saber que não somente o Liceu.” (RIBEIRO, 2006, p.88). Logo, o incentivo para adentrar ao universo da imprensa partia da própria sala de aula, dada a constante presença dos mais respeitados homens das letras no Liceu. Nesse sentido, para o professorado os jornalsinhos tinham dupla função, neles os mestres eram responsáveis por instruir a mocidade nas primeiras lides da imprensa e, conseqüentemente, promover o crescimento intelectual de seu alunado, em contrapartida a participação e menção desses educadores na idealização dos periódicos fortalecia o renome dado a eles quanto a sua inteligência e intelectualidade na sociedade.

Com relação à imprensa os jornalsinhos estudantais liceístas sinalizavam a diversificação e segmentação dos jornais no cenário ludovicense, por outro lado, as pequenas folhas periódicas funcionavam como mais um espaço propenso à atividade econômica impressora, seja na impressão de suas páginas ou na venda de espaços para anúncios nos grandes jornais diários. Sobre esse último aspecto, a

presença da **Pacotilha** por detrás das publicações estudantais diz muito sobre a forma de como a imprensa liceísta, inicialmente, foi apresentada à sociedade, isso porque, do ponto de vista material foi a **Pacotilha** (Tipografia) associada aos dotes e capacidades econômicas de cada jornal que ditou a aparência, a forma física e, conseqüentemente, o padrão dos impressos liceístas do início da Primeira República, por outro lado, do ponto de vista representativo e identitário foi a **Pacotilha** (Jornal), a partir dos seus anúncios, que deu nome, sobrenome e atributos a esses impressos. Por fim, seja pelo fator econômico ou pelo compromisso com o desenvolvimento da imprensa maranhense, a **Pacotilha** (Instituição) enquanto dispositivo, construiu e influenciou na visibilidade da imprensa estudantil liceísta.

No que tange à instituição de origem dos pequenos periódicos, a circulação dos impressos de seu alunado ajudou na propagação e promoção, para sociedade maranhense, da noção de que o Liceu se constituía como uma instituição escolar, centro convergente e irradiador de mentes cultas e letradas, além de fortalecer tal acepção entre a própria comunidade escolar. Em contrapartida, a presença de intelectuais como Fran Pacheco¹³, Viriato Corrêa¹⁴ e Maranhão Sobrinho¹⁵ nos jornalsinhos litterarios liceístas denotavam o apreço e preocupação dessa classe com as publicações estudantais. Como colaboradores, a participação da comunidade intelectual maranhense na organização dos jornais estudantais, era motivada, pois tais literatos viam os impressos estudantais como campo propício para fecundar seu principal anseio no início da Primeira República: O ressurgimento da Atenas Brasileira.

¹³ Manuel Francisco Pacheco, era um historiógrafo, crítico literário, jornalista, professor e diplomata português que nasceu em 1874 e aos 26 anos se mudou para o Maranhão. Muito atuante na vida intelectual maranhense, Fran Pacheco é considerado professor honorário da Faculdade de Direito do Maranhão, dentre as inúmeras entidades culturais que participou, cite-se ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e a academia Maranhense de Letras. (MORAES, 1976).

¹⁴ Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho, jornalista, contista, romancista, teatrólogo e autor de crônicas históricas e livros infanto-juvenis, nasceu 1884, Pirapemas, MA, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1967 (ABL, 2016).

¹⁵ José Américo dos Albuquerque Maranhão Sobrinho foi poeta e membro fundador da Academia Maranhense de Letras, nasceu em Barra do Corda no ano de 1878.

2.3 Ânimos juvenis e tradição literária: uma tentativa de reaver a Atenas Brasileira

Surge hoje na arena espiritual *A Actualidade*. Talvez pareça a alguns que esta pequena revista se propõe desdobrar novas estéticas. Engano será, se tal antevirem por que as nossas aspirações modestas fluem num âmbito limitado.

Nada mais ambicionamos, com todo o ardor dos nossos ânimos juvenis, do que reviver a tradição literária do Maranhão, que sempre se manifestou impetuosa e brilhante. (A ACTUALIDADE, 1900, ano 1, n. 1, p.1. grifo nosso).

Diante dos discursos apresentados pelos jovens jornalistas, o marco comum que uniu todos os órgãos estudantis liceístas e os atores sociais que ajudaram na sua construção foi, sem dúvidas, o desejo de reaver para o Maranhão os dias de glórias da “Atenas Brasileira”. Epíteto arquitetado pela sociedade letrada maranhense na primeira metade do século XIX, como sinônimo de superioridade linguística e intelectual, a ideia do reestabelecimento de uma Atenas no Brasil atravessou todo o período oitocentista e novecentista com mesma magnitude e intensidade de sua suposta criação.

Descendente direto dos filhos da elite colonial agroexportadora, do final do século XVIII e início do século XIX, o imaginário da Atenas Brasileira foi resultado da prática de migrar os herdeiros mais afortunados do Maranhão para estudar no exterior, devido aos fortes laços entre a colônia e Portugal, seja pela proximidade geográfica ou pela relação diferenciada estabelecida entre as duas no período colonial, a Universidade de Coimbra enquanto “[...] grande centro de estudo superior, tornou-se o sonho de muitos pais abastados, [para] enviar seus filhos para se ilustrarem na metrópole.”. (RIBEIRO, 2006, p.49). Ao regressarem essa elite sucessora, agora letrada e bacharelada ocupou os mais variados espaços de poder da Província e se empenhou, sobretudo, em desenvolver o campo intelectual de sua terra natal, a partir de um referencial simbólico baseado em uma “superioridade” linguística e escrita adquirida por eles nas Universidades europeias. Assim surge a ideia de uma Atenas no Brasil que juntamente com a emergência de notáveis intelectuais maranhenses como Gonçalves Dias, Odorico Mendes, João Lisboa e Sotero dos Reis na década de quarenta do período oitocentista, posteriormente identificados na literatura nacional como o Grupo Maranhense, auxiliaram na construção de uma nova identidade social para o Maranhão que assolado pela decadência econômica algodoeira, abandonado pela administração imperial, e saudoso da relação diferenciada estabelecida com o antigo regime, necessitava se

colocar no cenário cultural do Brasil Imperial. (BORRALHO, 2009; RESENDE, 2007; ROCHA 2013).

As críticas ao epíteto ostentado pelo Maranhão são muitas, ao fazer referência direta a “uma terra de letrados”, a noção da Atenas Brasileira no século XIX, não se transformou em realidade social uma vez que o acesso à instrução era privilégio de poucos e, conseqüentemente, a população maranhense era em sua maioria analfabeta. Para Corrêa (2001, p. 113) ela “[...] foi a manifestação mais preconceituosa e aristocrática dos senhores: proprietários, governantes e dominantes que acabou transmitida socialmente através dos mecanismos culturais referendários da organização estrutural da convivência humana”, pois sua formação funcionou como “[...] uma moeda de troca da elite maranhense em se fazer notar, senão por sua importância econômica [...], então, por sua notoriedade intelectual.” (BORRALHO, 2009, p. 51), cumprindo dessa forma com “[...] o seu papel de elite intelectual, ou seja, como indivíduos a quem foi atribuída à tarefa de elaborar uma determinada visão de mundo, de transmitir um ideário de conhecimentos que acabaram por se consolidar como um sistema explicativo de determinada época.” (RESENDE, 2007, p.77).

Por outro lado, se a Atenas Brasileira não se concretizou no cotidiano de todos os maranhenses, para aqueles que eram considerados intelectuais ela ajudou na promoção de suas práticas, que associadas aos lugares de poder de onde falavam, cooperaram para o reconhecimento do Grupo Maranhense no cenário literário não só do Maranhão, mas do Brasil. Nesse sentido, **Gonçalves Dias** o mais notável do grupo, fora dos domínios maranhenses e com representação na Corte, foi considerado o maior poeta do movimento romântico, além de produzir uma das mais icônicas e reproduzidas poesias da literatura brasileira: A Canção do Exílio (1843); **Odorico Mendes**, jornalista, político liberal e tradutor, ficou conhecido por sua intensa reflexão sobre os elementos nacionais no jornal Argos da Lei (1895), e com relativo destaque pela tradução de Eneida (1895) e Elíada (1874); Já **Sotero dos Reis** foi afamado por ser o organizador da primeira gramática de língua e literatura brasileira, dotado de um viés mais conservador, ele desempenhou a função de primeiro diretor geral do Liceu Maranhense e da Instrução Pública; por fim, **João Lisboa**, jornalista liberal e historiador que atuou como exímio prosador e uma das figuras mais aclamadas, até os dias atuais, pelo jornalismo. Seja pelo que publicavam nas suas obras ou em seus jornais,

A exaltação do Grupo Maranhense se configurou como o resultado do processo de integração do Maranhão ao cenário de unidade nacional que então se gestava. Se as afirmações em torno do caráter identitário da Atenas do Brasil geram controvérsias, parece muito claro que esta ideia de “grupo” se comportou como um elemento de integração social dos letrados ainda no século XIX e, posteriormente, de uma parcela considerável de admiradores desses maranhenses no século XX. (RESENDE, 2007, p. 77).

Assim, imbuídos da ideia de “grupo”, inspirados pelas figuras ilustres de um Maranhão outrora brilhante e da apropriação do imaginário da Atenas Brasileira¹⁶, a mocidade estudantil liceísta do início da Primeira República alertava que seu acometimento no campo das letras e da imprensa, *a priori*, talvez parecesse querer somente “desdobrar novas estéticas”, como da criação de um novo segmento na imprensa periódica maranhense, no entanto não se limitava apenas a isso. Para os estudantes a organização em torno dos jornais estava ligada a uma coisa muito maior, relacionada à responsabilidade com o referencial simbólico da Atenas Brasileira, e a necessidade de seu “reestabelecimento” em um Maranhão republicano e igualmente decadente. Ao mesmo tempo o alunado liceísta compreendia que a busca e o uso desse epíteto funcionava como um tipo de legado simbólico, passível de promover e legitimar as suas práticas enquanto estudantes/jornalistas e futuros intelectuais.

Ressaltamos que a empreitada dos jornalsinhos liceístas aconteceu no momento em que o campo das letras do Estado estava em situação deplorável, e se ainda assegurávamos o direito de utilizar o cognome de Atenas era pelo que os escritores maranhenses, notadamente **Aluízio Azevedo** e **Coelho Neto**, faziam fora de nossos limites territoriais, pois “Não fossem os seus trabalhos na imprensa e no livro, não fossem as continuadas e brilhantes exteriorizações do seu vigor cerebral, a Atenas para nós teria se transformado de uma vez numa Babilônia do exílio, [...]” (LOBO, 1909, p. 37). Assim, órfãos dos grandes vultos literários de sua terra e desassistidos de referências espirituais *in loco*, coube à mocidade ludovicense recém-republicana o difícil ofício de, mais uma vez, soerguer a Atenas Brasileira.

¹⁶Sobre a apropriação do imaginário da Atenas Brasileira ver: ROCHA, André Gusmão. Os novos atenienses: Apropriação do imaginário da Atenas Brasileira na Primeira República. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA, 3., 2013, São Luís. **Anais...** São Luís: UEMA, 2013. p. 1-9.

3 O DISCURSO ESTUDANTAL LICEÍSTA: as temáticas recorrentes nos impressos

Nesta seção apresentamos os principais assuntos debatidos pelos jornalsinhos, no intuito de compreender o discurso, anseios e disputas dentro da iniciativa estudantil na primeira década republicana. Para tanto, todas as mensagens, notas e notícias dos jornais O Século, O Ensaio, A Eschola, O Porvir (1895), O Ideal (1898), e A Actualidade (1900) foram transcritas, analisadas e categorizadas de acordo com suas finalidades informacionais.

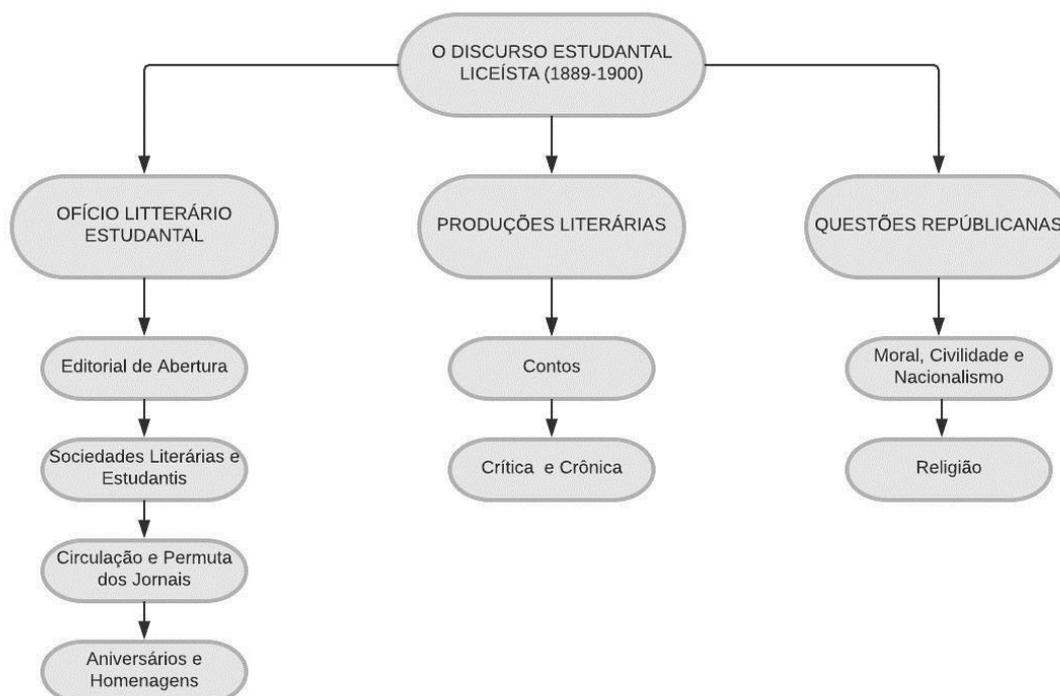
O caminho trilhado para a identificação do discurso estudantil liceísta na imprensa foi dividido em 3 etapas. A primeira correspondeu à transcrição de todas as notícias dos jornais, de forma isolada, para tabelas em meio eletrônico. Na segunda etapa, fez-se necessário à análise de conteúdo das mensagens a partir dos pressupostos da Configuração Textual (MORTTATI, 2014), de todas essas mensagens e, posteriormente, a agrupação desses escritos em oito categorias pré-definidas, foram elas: editorial de abertura; sociedades literárias e estudantis; circulação e permuta dos jornais estudantis; poesia, crítica e crônica; aniversários e homenagens; contos; moral, civildade e nacionalismo; e religião. Tais categorias foram extraídas da dissertação de mestrado **A imprensa estudantil liceísta maranhense na primeira república (1907-1930)** escrita por Furtado (2016), sobre os assuntos recorrentes nos impressos produzidos por estudantes do Liceu nas primeiras décadas do século XIX.

Após a categorização das notícias, observamos que algumas categorias elaboradas por Furtado (2016) compartilhavam da mesma finalidade informacional. Sendo assim, para uma melhor apresentação do discurso estudantil aqui investigado, optamos por reuni-las novamente em apenas 3 grandes categorias que, ao nosso ver, sintetizam os principais objetivos informacionais das publicações liceístas na primeira década republicana, tendo em vista as movimentações e posicionamentos políticos, sociais e culturais encontrados no projeto editorial dessa imprensa.

Dito isso, na terceira etapa, transformamos as categorias: Editoriais e Editoriais de Abertura; Sociedades Literárias e estudantis; Aniversários e Homenagens; Circulação e Permuta de jornais, na grande categoria: **Ofício Literário-Jornalístico Estudantil**, uma vez que tais seções tinham como finalidade informar e promover as atividades inerentes ao trabalho da comunidade discente liceísta, no campo da imprensa. De igual modo, as categorias Contos; Poesia,

Crítica e Crônica foram convertidas na grande categoria: **Produções Literárias**, tendo vista que as sobreditas seções eram destinadas para a apresentação das obras literárias estudantis, reprodução de textos de escritores renomados, e comentários referentes ao estado das letras no Maranhão, Brasil e mundo. Por fim, a grande categoria **Questões Republicanas**, reuniu os assuntos das seções: Moral, Civilidade e Nacionalismo, e Religião pelo forte teor político desses escritos, que buscavam dissertar sobre as principais questões históricas, sociais e culturais do novo regime republicano, no âmbito dos direitos e deveres dos cidadãos (FIGURA 16).

FIGURA 16 - Diagrama do discurso estudantil liceísta (1889-1900)



Fonte: A autora, 2018.

3.1 Ofício litterario - jornalístico estudantil

A categoria Ofício Litterario Estudantil, aqui analisada, está relacionada aos discursos, encontrados na imprensa liceísta, que envolvam as circunstâncias de produção, circulação e distribuição dos próprios jornalsinhos. Cabe destacar que um dos temas favoritos da imprensa liceísta era a exposição das atividades, êxitos e percalços do trabalho estudantil. Assim, a partir de seções como o editorial de abertura, artigos de opinião, noticiários e anúncios conseguimos visualizar alguns

aspectos sobre o dia a dia das pequenas redações, e as consequências da efervescência literária liceísta em torno da imprensa, tanto para a comunidade escolar, quanto para a sociedade maranhense.

Nesse contexto, a ideia dos editoriais de abertura foi utilizada como “[...] pequenas apresentações do que seriam as finalidades e funções dos jornais estudantis.” (FURTADO, 2016, p.55) nos números de estreia. Tal seção, na realidade discente, obedecia a uma estrutura que envolvia obrigatoriamente a dissertação dos objetivos das publicações, a explicitação de sua vertente política, suas pretensões no campo da imprensa maranhense e, principalmente, a relação dos impressos com o desenvolvimento intelectual discente e da Atenas Brasileira.

Quanto aos objetivos, a atividade estudantil na imprensa explicitava que seu acometimento não visava “[...] tomar sobre os [...] ombros o espinhoso e elevado encargo de jornalistas para o qual não temos a fatuidade de julgar-nos aptos;” (O PORVIR, 1985, ano 1, n.1, p.1), isso porque a intenção das folhas estudantis era tão somente proporcionar “[...] para [...] [os] companheiros de estudo um incentivo [...] de dar livre curso as ideias ainda acanhadas e semi-confusas que borbulham em nossas mentes exaltadas pelo clima e pela idade.” (O PORVIR, 1985, ano 1, n.1, p.1).

Assim, deixar bem claro a condição de aprendizes da atividade jornalística e literária foi um tema que permeou toda e qualquer tentativa de apresentação dos editoriais de abertura e programas da imprensa liceísta. Esse discurso esteve fundamentado em uma estratégia de promoção que visava o estabelecimento do “[...] acolhimento benévolo que sempre se concede aos jornais que aparecem pela primeira vez e que visam o fim nobre da cultura, da inteligência da mocidade e a sua iniciação no caminho das letras.” (O ENSAIO, 1890, ano 1, n.1, p.1). Desse modo, a indução de uma forma de recepção, dos impressos estudantis, pretendia inculcar no público leitor o sentimento de compreensão sobre possíveis erros que viessem a ser encontrados nos escritos ou na organização dos jornalsinhos, dada a sua condição de aprendiz, ao mesmo tempo em sugeria que ter uma boa receptividade, à iniciativa estudantil, era o primeiro passo para o revigoramento intelectual e cultural da malograda Atenas Brasileira, além de lembrar aos

[...] leitores que, sufocar as aspirações da mocidade, censurar esses arrojados que ela é capaz de auxiliar em suas justas pretensões, é mesmo que cortar as asas aos pássaros privando-os do vôo – este

elemento tão necessário a eles quanto à instrução nos é precisa. Esta é as asas da mocidade; cortá-las é atirar ao charco imundo da ignorância [...]. (O PORVIR, 1895, ano 1, n.1, p.1).

Isso exposto, o natural seria que as colunas dos jornais estivessem abertas para as contribuições do alunado, tal como frisou **O Ensaio** em seu número de abertura: “As colunas do ‘Ensaio’ sempre estarão às ordens dos nossos assinantes.” (O ENSAIO, 1890, ano 1, n.1, p.4). No entanto publicar artigos na imprensa estudantil liceísta não era uma tarefa fácil, é o que nos revela um extenso artigo de opinião publicado pelo jornal **A Eschola** em 1891:

Sirvam de juízes ente nos os nossos professores e colegas.

O jornal “O Ensaio” foi criado por um grupo de estudantes de preparatórios com fim de “oferecer a mocidade que estuda um meio de tornar conhecidas as suas locubrações”, como se lê no seu primeiro numero.

Na terceira edição desse jornal, a qual apareceu em 16 de outubro último, publicou o Sr. Herculano um artigo combatendo a propriedade literária, e como eu não concordasse com a sua opinião, escrevi também um com o fim de publicá-lo no “O Ensaio” para o que tinha direito, visto que as colunas desse jornal estavam francas aos assinantes e eu era um destes.

Foi isto o bastante para incorrer o ódio desse Sr., pois enviando o meu artigo em princípios de janeiro, porque ate dezembro estivera ocupado com os exames que fiz, arvorou-se ele em redator do Ensaio e em censor dos artigos, e declarou, sacudindo a colossal cabeça com tom de quem tem o supremo mando, que o meu artigo não podia ser publicado, porque sustentava idéias contrarias as suas.

Não me sujeitei as ordens de tão poderoso senhor e reclamei aos fundadores do jornal contra o esbulho.

Então, parodiando Luiz XIV, disse o Sr. Herculano: “O Ensaio sou eu”, e proferiu na minha representação o despacho – que eu não podia publicar o artigo; e não satisfeito com isto, declarou no n. 5 do “O Ensaio” que os artigos dos assinantes só seriam publicados depois do “consentimento unânime da redação” para que mais nenhum outro ignorante e pequenino tivesse a ousadia de sustentar idéias contrarias as de seu amo e senhor. (A ESCHOLA, 1891, ano 1, n. 2, p. 4. grifo nosso).

Em síntese, a denúncia de censura apresentada pelo o Sr. José Augusto Barreto de Mello Rocha foi motivada por um conflito de ideias entre o mesmo e o Sr. Herculano, o redator d’**O Ensaio**. Tal tensão interna no trabalho literário-jornalístico estudantil produziu efeitos, uma vez que ao se deparar com um artigo dotado de ideias contrárias as suas, o redator do mesmo jornalsinho que declarou a abertura irrestrita de suas colunas aos assinantes, instituiu que a publicação de artigos só se efetuaría, daquela hora em diante, quando aprovada por unanimidade na redação.

Em vista disso, de forma geral, os artigos de opinião foram utilizados na imprensa liceísta para a exposição de conflitos internos à atividade jornalística estudantil, estando assim em consonância com a premissa de “[...] tratar-se de uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve uma ideia e apresenta sua opinião” (MELO, 1985, p. 92), sem amarras com o princípio da imparcialidade do jornalismo.

Por outro lado, coube às seções de “notícias” (Figuras 17, 18 e 19) apresentar os acontecimentos exteriores que faziam parte, direta ou indiretamente, do cotidiano dos jornalsinhos e de seus produtores.

FIGURA 17 - Seção Expediente

EXPEDIENTE

O *Ensaio* publicar-se-há duas vezes por mez em dias indeterminados, mediante a mensalidade de 300 reis.

×

As columnas do «Ensaio» sempre estarão ás ordens dos nossos assignantes.

×

Todos negocios referentes á redacção do «Ensaio» devem ser tratados na rua Formosa n. 11, nos seguintes dias: quinta-feira das 12 as 2 da tarde e domingo das 9 da manhã as 3 da tarde.

×

Aquellas pessoas á quem dirigirmos o nosso jornal e que não o devolverem no prazo de trez dias serão consideradas assignantes.

×

Chamamos a attenção das leitoras para o artigo a «Mulher e o direito penal», que illustra o nosso jornal.

×

Foi-nos offerecido um exemplar dos Estatutos da Sociedade União Instrutiva. Agradecemos.

×

Fonte: O Ensaio, 1890, ano 1, n. 1, p. 4.

FIGURA 18 - Seção Notícias

NOTICIAS

Ao Brejo regressou no dia 4 o nosso intelligente amigo capitão Duges de Araujo Lima, que veio a esta capital em busca de sortiment para o seu acreditado estabelecimento commercial.

Durante os dias que aqui esteve, o nosso amigo visitou constantemente o escriptorio da *Actualidade*, entretendo-nos, assim, com a sua agradável conversação.

Levou elle uma profusão de fazendas e miudezas, objectos de luxo e quinquilharia, tudo comprado nas principaes casas commerciaes da nossa praça.

—

Da Parnahyba chegou no dia 30 do mez passado o nosso sympathico amigo Francisco Borges que veio a esta cidade a negocios particulares.

Cumprimentámo-lo.

—

Do Icatú deve chegar depois de amanhã o nosso illustrado collaborador Bernardo Santos, que por mais de uma vez tem honrado as columnas do nosso periodico com as suas correctas produções.

Aqui o esperamos de braços abertos.

Fonte: A Actualidade, 1900, ano 1, n. 6, p. 4.

FIGURA 19 - Seção Noticiário
NOTICIÁRIO.

EXAMES DE PREPARATORIOS

Abaixo damos o resultado dos exames de preparatorios mandados abrir em virtude do decreto n.º 2032 de 26 de junho ultimo e para os quaes inscreveram-se:

Em portuguez.	5
Em francez.	5
Em arithmetica e algebra.	3
Em geometria e trigometria.	9
Em geographia.	2
Em physica e chimica.	4
Em historia natural.	3

Fonte: O Porvir, 1895, ano 1, n. 3, p. 3.

Sob o título de **Notícias**, **Noticiário** ou **Expediente**, tais seções normalmente estavam dispostas entre as últimas folhas e colunas dos jornalsinhos, e traziam informações gerais sobre a sua organização e os principais acontecimentos do meio estudantil. Nesse sentido, a partir da análise dessas seções, pudemos perceber que as obrigações escolares, chegada e partida de estudantes, letrados e militares, criação de sociedades literárias e estudantis, o recebimento e permuta de jornais estudantis ou não, faziam parte da rotina da mocidade estudiosa maranhense que se enveredava pelas primeiras lides da imprensa.

No âmbito das obrigações escolares, **O Porvir**, em 1895, relacionou nominalmente, num longo noticiário, a quantidade de inscritos, os professores avaliadores e os alunos aprovados nos Exames de Preparatórios, realizado pelo Liceu naquele ano. De acordo com o Regulamento do Lyceu Maranhense (1893, p. 32-34), tais avaliações eram chamadas de **Actos Finais** e consistiam na segunda etapa, de uma série de três exames, que os liceístas deveriam prestar durante os sete anos do curso integral de letras e ciências. Na ocasião foram realizadas provas escritas, orais e práticas de Português, Francês, Aritmética e Álgebra, Geometria e Trigonometria, Geografia, Física e Química, e Historia natural. Desse modo, depreendemos que os alunos se dividiam entre as atividades escolares e as da imprensa, muitas vezes tendo que deixar essa última de lado, pois a obtenção do título de bacharel dependia da aprovação nos Exames Preparatórios.

Enquanto instituição formadora da imprensa estudantil, as seções de notícias dos jornalsinhos também se ativeram às questões relacionadas ao Liceu e a movimentação de seus alunos. Nesse sentido, o jornal *O Ensaio* destacou em sua coluna de **Expediente** a fundação do **Gremio Litterario Estudantal** no Liceu Maranhense em 1890 (Figura 20), que tinha como finalidade “Instruir os seus membros a defender os interesses da classe estudantil” (*O ENSAIO*, 1890, ano 1, n.1, p. 4), por meio de reuniões que abriam espaço para a defesa de teses do alunado.

FIGURA 20 – Gremio Litterario Estudantal (1890)

GREMIO LITTERARIO ESTUDANTAL

Os nossos collegas do Lyceu fundaram um gremio litterario, tendo por fim instruir os seus membros e defender os interesses da classe estudantil. Nelle já forão defendidas tres theses pelos estudantes Deocleciano Coelho, Manoel S. Pereira Santos e Alcides Pereira.

Fonte: *O Ensaio*, 1890, ano 1, n.1, p.4.

Diante dessas informações, podemos inferir que a criação de Grêmios, e/ou União estudantais, dentro do Liceu Maranhense, é uma das consequências do movimento literário-jornalístico estudantil, que só acontece em prol de interesses em comum da comunidade discente, e se efetiva através da instauração de práticas específicas, estranhas as prerrogativas do currículo Liceísta, podendo culminar na criação de pequenos periódicos. Tais iniciativas discentes, embora idealizadas por jovens inexperientes no campo das letras, possuíam certo grau de organização que se assemelhavam as tradicionais Associações Literárias, é o que nos indica o jornalsinho **O Ensaio**, mais uma vez na seção Expediente, ao informar o recebimento de um exemplar dos **Estatutos da Sociedade União Instrutiva** (Figura 21).

FIGURA 21 – Sociedade União Instrutiva

×
Foi-nos offerecido um exemplar dos Estatntos da Sociedade União Instrutiva. Agradecemos.

×

Fonte: *O Ensaio*, 1890, ano 1, n. 1, p. 4.

Utilizado como estratégia de promoção dos impressos, a prática de permuta de jornais aparece constantemente entre as páginas dos jornalsinhos, a partir de pequenas notas sobre a saída ou recebimento de novos números e notícias sobre a contribuição de periódicos para o campo da imprensa, em seções específicas, vários jornais, incluindo os estudantis, locais e de outras regiões foram divulgados na imprensa liceísta (Figura 22).

FIGURA 22 – Nota sobre a permuta de Jornais

Temos recebido :
 «A Ave Maria», da Bahia
 «Leitura» Religiosa», da Bahia
 «O Direito», de Pindamonhagaba
 «A Lyra», de Rezende
 «A Imprensa», da Parahyba
 «O Amazonas de Manaus»
 «O Piauiense, da Parahyba
 «O Girasol», da Parahyba
 «O Jornal de Caxias», de Caxias
 «A Panoplia», desta Capital
 «O Norte», da Barra do Corda
 «Os Novos», desta Capital
 «Republica», de Therezina.
 Agradecendo a todos as suas constantes visitas, promettemos retribuil-as com nosso pequeno periodico.

Fonte: A Actualidade, ano 1, n. 6, p. 4.

Ante as dificuldades econômicas enfrentadas para se manter qualquer publicação periódica, seja em tiragem ou propaganda, no final do século XIX, esse modo de se fazer “circular” os jornais, fundamentado na troca de números, se mostrava como a forma mais barata de publicização dos jornalsinhos. Ao que parece, essa estratégia de promoção da imprensa colaborou com a divulgação dos pequenos periódicos, tendo eles atingido não só os leitores da capital, São Luís, mas os do interior do Estado também. É o que nos revela as recorrentes mensagens de boas vindas e notas de despedida de estudantes, literatos e militares que visitaram e contribuíram, com alguns escritos, para as redações dos pequenos periódicos liceístas (Figura 23).

FIGURA 23– Mensagem de chegada

Do Icatú devo chegar depois de amanhã
 o nosso illustrado collaborador Bernardo
 Santos, que por mais de uma vez tem hon-
 rado as columnas do nosso periodico com as
 suas correctas produções.
 Aquí o esperamos de braços abertos.

Fonte: A Actualidade, 1900, ano 1, n. 6, p. 4.

A exposição do envolvimento de pessoas, fora dos limites da grande ilha, com a iniciativa estudantil teve seu ápice quando da publicação de um Soneto, recebido pelo jornalsinho **O Porvir** em 1985, onde o Sr. Neves Ribeiro, ainda na tenra idade da infância, parabeniza a mocidade estudiosa pela publicação dos jornais, revelando o seu apreço pela instrução e pedindo aos jovens liceístas que continuem a lutar no campo da imprensa e literatura, reiterando o desejo de participar desse movimento.

Aos redatores do Porvir

Presigue, gênios de águia, na carreira ingente,
 Que Deus talhou-vos, no jornal "Porvir",
 Louros, de certo, no futuro haveis de unir,
 Não recueis mais nem um passo...á frente.!
 Avante! Avante! mocidade honrosa!
 Não percais um momento, um só instante!

Não cessarei de dizer: - avante! Avante!
 A vós, oh! Juventude estudiosa!...

Ah! Quão infeliz eu sou, Deus meu!
 Quisera, entre vos, mancebos, habitar,
 Pra fruir dessa aventura, desse apogeu.

Mas assim não quiseste, oh! Providencia,
 Que entre [...] estivesse para gozar...
 Resignante, dizes-me, mais paciência. (O PORVIR, 1895, ano 1, n. 3, p. 2).

Dessa forma, utilizando os próprios impressos como vitrine, os jovens jornalistas se valeram das seções consolidadas nos moldes da grande imprensa para a promoção de suas práticas jornalísticas e literárias, bem como das consequências dessa pequena fase de efervescência estudantil para a sociedade maranhense. O que se esperava com essas mensagens, notas, notícias e artigos de opinião era dar visibilidade a movimentação estudantil em prol das letras de sua terra, além de impactar e estimular o acolhimento daqueles que futuramente viriam a

alçar os mais altos cargos do Estado, e os postos de intelectuais da Atenas Brasileira.

3.2 Produções Literárias: Poesia, Crítica, Crônica e Conto

Enquanto palco para a apresentação das produções do alunado liceísta, sob a orientação dos professores e alguns intelectuais, a imprensa estudantil ganhou a característica literária por abusar da poesia, crítica, crônica e conto, em sua composição. Tal ênfase é um reflexo do modelo de ensino secundário oferecido pelo Liceu Maranhense que, desde sua fundação em 1838, privilegiava um currículo baseado em disciplinas de caráter humanista, em detrimento das ciências exatas e naturais. Das 13 cadeiras que formavam o programa curricular do Liceu, em sua Lei de criação, 9 eram do campo das letras, humanidades e artes¹⁷, e apenas 4 pertenciam à área das ciências exatas¹⁸.

Ribeiro (2006) salienta que a organização de um currículo humanista-literário no Liceu, na primeira metade do século XIX, representava a total incapacidade da comunidade intelectual maranhense em refletir sobre as necessidades locais, uma vez que ele foi concebido a partir do modelo Europeu, em especial o adotado na França, e tinha como principal objetivo preparar os estudantes para a realidade das Universidades e sociedades europeias, e não para a solução dos problemas sociais, econômicos, políticos e culturais da província do Maranhão.

Com o advento da República, em 1889, o currículo do Liceu passou por transformações significativas. Segundo o Regulamento do Lyceu Maranhense (1893, p.45) o curso integral de 7 anos, para a titulação de bacharel em ciências e letras, era composto por 21 cadeiras divididas da seguinte forma: 8 para a formação discente no campo das ciências exatas e físicas (Aritmética e Álgebra; Geometria e Trigonometria; Física e Meteorologia; Química e Mineralogia; Biologia; Botânica, Zoologia e Geologia; e Elementos de cálculo diferencial e integral, Geometria analítica e Mecânica Racional), e 13 no tocante ao ramo das letras, humanidades e artes (Língua Portuguesa; Língua Grega; Língua Latina; Língua Francesa; Língua Inglesa; Língua Alemã; Literatura portuguesa e brasileira; Geografia; História

¹⁷ Filosofia Racional e Moral; Retórica e Poética; Geografia e História; Gramática filosófica da língua e Análises dos nossos clássicos; Língua Grega; Língua Latina; Língua Francesa; Língua Inglesa; e Desenho.

¹⁸ Aritmética, primeira parte da Álgebra, Geometria e Trigonometria plana; Segunda parte de Álgebra, Cálculo e Mecânica; Navegação, Trigonometria esférica, e Observações Astronômicas; Cálculo Mercantil, e Escrituração por partidas dobradas.

universal; História do Brasil; Sociologia; Desenho; e Música). Embora o número de disciplinas correspondentes às ciências tenha dobrado, com relação ao currículo de criação do Liceu, essa instituição de ensino ainda conservava os foros de centro convergente e formador de mentes cultas e, principalmente, letradas.

Nesse sentido, ao utilizarem os jornalsinhos como meio para desenvolver a sua intelectualidade, os estudantes apresentaram diversas produções e reproduções literárias que refletiam o que eles aprendiam em sala de aula e, conseqüentemente as principais características do currículo aplicado no Liceu Maranhense. Tendo em vista a forte influência francesa na concepção das instituições científicas brasileiras e, conseqüentemente, na organização curricular do Liceu Maranhense durante todo o século XIX. Um dos temas que mais permearam as produções estudantis foi a exaltação às contribuições da França para o mundo, como bem sintetiza a crônica histórica escrita por Alcides Pereira, um dos redatores do jornal **O Ensaio**.

França

Lá onde os cumes dos Alpes parecem ser a escada que da terra se eleva aos céus, lá onde se ostentam garbosos esses gigantes enormes, lá esta a França.

É ela o céu da Europa que ama e admira, é ela a criança inquieta, tresloucada, mas sublime que o universo acaricia e beija.

È ela a irmã de uma criança loira, bela e querida - é irmã da liberdade.

É ela o sol de onde emana a luz sobre o mundo intelectual; e do coração do universo.

É ela a fonte santa onde todos os povos vão beber a longos tragos os jorros da ciência.

É ela a pátria de milhares de astros grandiosos que, com o seu esplendor ofuscavam o mundo e que mereceram a gloria da imortalidade.

Entre muitos outros sobressai o maior vulto do século 19, o grande Victor Hugo, esse deus da sabedoria que será adorado pela posteridade, essa águia colosso, que do cume dos Alpes pasmava o mundo inteiro e que depois, impelida pela gloria, ergueu voo e foi pousar em um céu puríssimo – no céu da história – E é sempre soberba e é sempre sublime a rainha das nações.

A revolução que essa criança produziu no século 18 é um dos fatos mais arrojados, mais audaciosos que a humanidade tem contemplado.

As lavas benéficas desse vulcão que a França fez rebentar não foram só em seu proveito, invadiram todos os países civilizados

A palavra potente de Mirabeau, essa outra águia, ecoou em todos os corações sinceros e patrióticos.

Desde então, no congresso das nações, a França ocupou o primeiro lugar.

Mas apesar de toda essa gloria, de todo esse esplendor, a França é sempre criança; comete desvarios, ri-se, canta sempre, nunca esta quieta; no entanto, quando ela assim pratica , o mundo a acha mais

soberba mais bela – a aplaude freneticamente. (O ENSAIO, 1890, ano 1, n.1, p. 2, grifo nosso).

Ainda sob a influência francesa, um dos autores aclamados pelos jovens liceístas foi justamente o francês Victor Hugo. Considerado um dos maiores escritores do século XIX, o autor de **Os Miseráveis** e **O Corcunda de Notre-Dame**, teve um de seus textos publicados pelos jornalsinhos. Com o título de **A virgem**, a reflexão escolhida para exposição, discorria sobre a noção de honra e virgindade feminina.

A virgem

O quarto de uma virgem é como o arcano de uma flor ainda por desabrochar, um floco alvo n'uma plaga escura, a cellula intima de um lyrio por abrir, que as vistas do homem não deve devassar, enquanto não penetrarem os raios de sol.

Deve ser sagrada a mulher em botão.

[...]

As vistas de um homem ante ao erguer de uma donzella devem ser ainda mais religiosas que ante o desapontar de uma estrela. (O PORVIR, 1895, ano 1, n. 1, p.3).

Todavia, não só de exaltações a cultura francesa viviam os estudantes maranhenses, é o que revela uma transcrição intitulada de **Estudos Gramaticais**, publicada na imprensa estudantal sem indicação de autoria. O referido texto é uma crítica “[...] ao indesculpável abuso de enxertar em nossa linguagem vocábulos exóticos,” (O PORVIR, 1895, ano 1, n.3, p.2), quando temos na língua portuguesa um vernáculo com o mesmo significado.

Para ilustração de sua indignação, o autor utiliza como exemplo a palavra: *enveloppe*, que mesmo sendo de origem francesa, fora introduzida na língua portuguesa em substituição a um termo totalmente nativo: o **sobrecarta**. Colaborando ainda mais para a discussão, o denunciante do uso indevido de palavras estrangeiras, ainda relata que não faz sentido a utilização do *enveloppe* em português, uma vez que ele é um termo genérico, que na França significa tudo o que envolve ou embrulha, enquanto **sobrecarta** tinha sentido restrito, ou seja, a capa de uma carta. Por fim, o autor conclui que o uso da palavra *enveloppe* no século XIX está ligada,

Sem duvida, a desgraçada mania de desprezar o que é nosso e bom, só para tomarmos do estranho até o que não presta. Poucos refletem que em que este desprezo do que nos pertence refreia digamos as cousas pátrias: desprezam-se os costumes; e o resultado é o entibiamento do patriotismo. *Enveloppe* é palavra desnecessária,

absolutamente inútil em português, nos possuímos vocábulo genuíno e muito mais expressivo; digamos, portanto de hora em diante, e sempre, não envelope, mas sobrecarta. (O PORVIR, 1985, ano 1, n.3, p. 3).

De igual modo Antônio Lobo, em uma seção de Crítica do jornalsinho **O Século**, em 1890, também teceu algumas considerações sobre o hábito de incorporação dos modelos estrangeiros, em detrimento do desenvolvimento e/ou utilização de algo genuinamente brasileiro. A partir da constatação de que na última década do século XIX, a literatura brasileira “[...] atravessa[va] uma época de verdadeira decadência, sem ideal, sem modo especial característico,” (O SÉCULO, 1890, ano 2, p. 1), Lobo acusa o ato de ir beber inspirações em fontes do outro lado do atlântico, notadamente na Europa, como a principal causa do abatimento da literatura nacional que se resumia, na sua opinião, em obras nada originais ou úteis. Nesse cenário, o autor atribui aos jovens literatos a culpa pelo marasmo das letras pátrias, ratificando que “Os moços que se dedicam[vam] a carreira das letras, longe de se aplicarem a um estudo sério e aproveitável, caem[iam] muito cedo no **diletantismo**, entretêm[inham]-se com uma literatura ligeira, despida de todo o mérito e originalidade. (O SÉCULO, 1890, ano 2, p. 1).

O diletantismo ao qual Antonio Lobo se refere, diz respeito a “Qualidade própria do indivíduo que se dedica a uma arte de forma ligeira, sem se preocupar com o estudo e a reflexão permanentes, por considerar que a arte deve ser uma forma de puro lazer, onde a vocação e o trabalho não têm lugar.” (CEIA, 2009, p.1). Nesse sentido, tal crítica ao ser publicada no jornalsinho precursor da imprensa liceísta, serviu de alerta aos jovens estudantes maranhenses que desejavam adentrar ao campo literário sobre os perigos da incorporação de modelos estrangeiros no desenvolvimento de suas obras literárias e, principalmente, o risco de um investimento não planejado sobre a imprensa, o que comprometeria, pela ausência de originalidade e estudos mais profundos, com o a finalidade dos impressos estudantais, ou seja, o reestabelecimento da Atenas Brasileira.

Para exemplificação de sua crítica, Antonio Lobo apresenta o panorama das produções artísticas brasileiras que, envoltas ao movimento naturalista das últimas décadas do século XIX, se transformou, quase que em sua totalidade, no:

[...] romance naturalista, a poesia naturalista, a arte naturalista enfim, é[ra] o que mais seduz[ia] os nossos litterarios. [Que] Mais longe de estudarem a nossa natureza, de pintar ao vivo os nossos costumes, de descrever o nosso meio social, eles [iam] inspirar-se no

naturalismo francez de Zola e Daudet. Os typos criados pelos grandes mestres [...] [eram] os que eles procuram[vam] adaptar postiçamente ao nosso meio. E[ra] [...] essa adaptação monstruosa, ridícula, sem rasão de ser, [que] produz[iu], por vezes, disparates. (O SÉCULO, 1890, ano 2, p. 1).

De acordo com esses escritos, podemos observar que as seções de críticas dos jornalsinhos privilegiavam discutir assuntos referentes às influências estrangeiras, para o bem ou para mal, nas manifestações artísticas, linguísticas e culturais brasileiras, ressaltando, sobretudo, o valor das “coisas” de nossa terra. Nesse movimento, Antonio Lobo conclui sua crítica publicada n’**O Século**, afirmando que durante as duas últimas décadas do XIX, ou seja, o momento de estabelecimento do naturalismo no Brasil, “[...] Aluízio Azevedo [...] [foi] incontestavelmente, d’entre nossa mocidade talentosa, o único talvez que parece[u] querer aproveitar o seu talento em trabalho de algum fundo de utilidade manifesta.” (O SÉCULO, 1890, ano 1, p.2). No tocante, Aluízio Azevedo é considerado o principal representante do naturalismo no Brasil, sendo o romance **O Mulato**, publicado em 1881, encarado como a obra que inaugura o movimento naturalista em terras brasileiras, e **O Cortiço**, posto para circular em 1890, o livro ápice dessa escola literária.

Assim, imbuídos do movimento de consagração às coisas da nossa terra, Gonçalves Dias foi homenageado algumas vezes pelos jornalsinhos, dado a sua importância para o campo das letras.

Gonçalves Dias

Ao meu distinto colega e amigo
João Joaquim de Lemos

O gênio, a inspiração roçou-lhe a fronte
Era água altiva se arrojou no espaço
Solta, bem solta, sem deter-lhe um laço
Ergueu-se acima do mais alto monte.

Transpondo do viver a frágil ponte
Seu vasto crânio – sonhador ricaço!
Tornou-se grande para o mundo escasso
Conter no seio tão perene fonte

E a morte fera arrebatou sem dó
O astro ingente, radiante e altivo
Deixando a terra pequenina e só

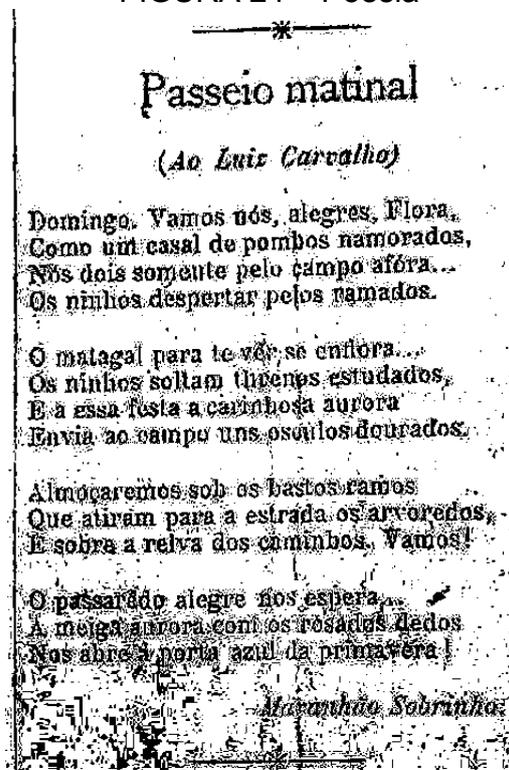
Voou... subiu à região mais pura
Ficando na memória sempre vivo

Do povo que ainda carpe a desventura

E. Castello Branco. (O PORVIR, 1985, ano 1, n.1, p. 3).

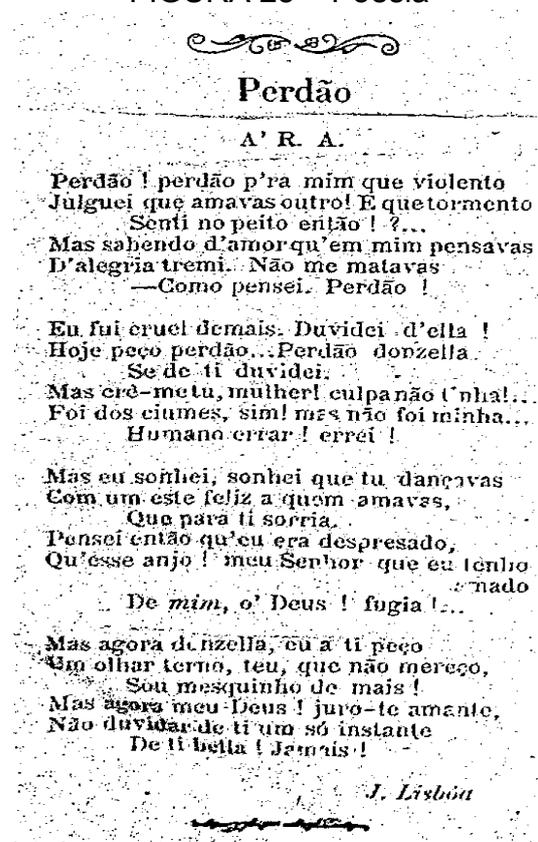
A referida poesia de homenagem à Gonçalves Dias resgata as condições singulares de sua morte, em 1864 num naufrágio na costa do Maranhão quando voltava de um tratamento médico em Paris, e a perda irreparável que foi a sua partida para o campo das letras. Tal obra é assinada pelo jovem jornalista e poeta E. Castello Branco, que além de dedicá-la ao ilustre escritor também a destinou ao seu amigo João Joaquim de Lemos.

FIGURA 24 – Poesia



Fonte: A Actualidade, 1900, ano 1, n. 6, p. 4.

FIGURA 25 – Poesia



Fonte: O Ideal, 1899, ano 2, n. 2, p. 4.

De modo geral, as poesias publicadas na imprensa liceísta eram assinadas e dedicadas a pessoas em específico (Figuras 24 e 25). Acreditamos que, por serem escritos que falavam, em sua grande maioria, sobre os acontecimentos, os amores e as paixões platônicas da juventude, ao passo que a sua publicação tinha como finalidade expor o trabalho literário dos jovens jornalistas, tais textos deveriam apresentar nominalmente o responsável por sua criação que, às vezes, assinava suas obras pelo nome completo e, outras vezes, apenas com suas iniciais ou pseudônimos.

3.3 Questões Republicanas

Um dos momentos mais representativos, no Maranhão, do “clamor popular” pela instauração do Regime Republicano foi, segundo Viveiros (1992, p. 113), “A estrondosa e surpreendente vaia com que os estudantes do ‘Liceu Maranhense’ receberam o Conde d’Eu, ilustre Príncipe Consorte da Herdeira do trono”, que estava em excursão pelas Províncias do Norte do Brasil, entre julho e agosto de 1889, em busca de popularidade e adesão de novos aliados para o chamado Terceiro Reinado do Império Brasileiro.

O envolvimento pouco amistoso da comunidade discente liceísta com as questões da monarquia, nos mostra que a juventude maranhense, igualmente a outros setores da sociedade brasileira, aspirava pela ruptura com o Império que, nas décadas finais do século XIX, apresentava um quadro de desprestígio devido sua resistência para a realização de novas reformas; eleições fraudulentas; e descontentamentos generalizados por parte dos militares, pela falta de direitos, dos grandes fazendeiros, tendo em vista a abolição da escravidão em 1888. Para Andrade (1984, p. 10) “O programa republicano, buscando dar amplitude e florescimento ao liberalismo econômico, foi, pouco a pouco, integrando os grupos de interesses contrários à estrutura de poder que a Monarquia mantinha.”, chegando a seu apogeu em 15 de novembro de 1889, pelas mãos dos militares, com a proclamação da República, e envio de Dom Pedro II e seus familiares para exílio em Lisboa.

Assim, envolvidos pelos ares do novo regime que ansiava “A renovação de idéias, abolindo velhos usos, e reivindicando novos direitos” (VIVEIROS, 1992, p. 115), a imprensa liceísta destinou alguns espaços de seus impressos para a apresentação e debate das questões referentes ao estabelecimento da República no Brasil. Para os estudantes, expor as qualidades do republicanismo perpassava, principalmente, pela exaltação das datas cívicas, a começar pela maior delas: o 15 de Novembro de 1889.

15 DE NOVEMBRO

Gloriosas são as datas que o Brazil conta em sua história, cujos factos, tão recente, estão na memoria de todos.

7 de setembro arrancou o colosso sul-americano do domínio de Portugal que lhe sugava a seiva, conservando seus naturaes em ignominiosa opressão.

1 de março é o termo da sanguinolenta lucta denodadamente por nos sustentada contra o tyrano Solano Lopez.

13 de maio, finalmente, é o marco de um acontecimento belíssimo aos olhos de todo o mundo civilizado e cristão.

Mas, como corellario d'esses acontecimentos glorioso ou porque a índole brasileira seja propensa a maior somma de liberdades politicas, surdíio, no nosso evoluir, **o 15 de novembro.**

Tinhamo-nos emancipado da Metropole. Déramos uma formidável licção ao Paraguay andaz e ambicioso. Libertamos os escravos, homens como nós, mas que por uma fatalidade se vira longo tempo sujeito ao azorrague do feitor e toda sorte de castigos que se lhe quizesse inflingir.

Era, pois, natural e urgente que também nos libertássemos da escravidão monárchica, banindo essa dynastia inferma e ambiciosa.

E assim se fez.

A opinião pública, apoiada pelo rigoroso braço de Deodoro, apelando os impostores dymnasticos, gritam bem alto:

Viva a República! (O IDEAL, 1898, ano 1, n.3, p.1, grifo nosso).

Os textos sobre datas cívicas, publicados nos jornalsinhos, no geral, buscavam apontar o contexto histórico e o impacto desses acontecimentos para a História do país. Encaradas como ocasiões que formaram o conjunto de valores nacionais, além do dia da Proclamação da República, as datas do Descobrimento da América, em 12 de outubro de 1492; da Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822; e Adesão do Maranhão ao Regime Republicano, em 18 de novembro de 1889, ganharam relevo nas páginas da imprensa liceísta, por suas contribuições para o progresso e liberdade do Brasil.

Ainda sobre a instauração da República, um de seus dispositivos foi lembrado, também a partir de sua data de criação, pela importância de seu conteúdo que diz “[...] tudo o que somos e podemos como cidadãos brasileiros; [...] [e], ainda mais, [...] [é] a concretização de todas as regalias da nação e por isso o código dos direitos que a fazem respeitar dentro e fora do paiz.” (O IDEAL, 1899, ano 2, n.2, p.1), tal dispositivo é a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, decretada em 24 de fevereiro de 1891. Ao relembrar a data de promulgação da Constituição, os estudantes contribuía para a divulgação dos novos moldes do governo brasileiro, em suas normas de organização, e a sua importância para o exercício do poder social e político no Estado Republicano. Nesse movimento, algumas discussões foram travadas pelos jornalsinhos no tocante a mulher, enquanto sujeito de direito, questionando a brandura de penas aplicadas a ela, frente ao código penal, o seu direito ao voto e ao divórcio.

Quanto às consequências do advento da República, para o jornal **O Ensaio** (1890, ano 1, n. 1, p. 4), o balanço de quase um ano depois da instauração do novo regime demonstrava que “A instrução já [...] [ia] tendo algum desenvolvimento [...], [...] A reforma eleitoral, a abertura de aulas noturnas e o aumento de escolas públicas, [...] [tinham] contribuído de uma maneira admirável para isso.”. No entanto a pequena folha periódica constatara que o interesse pela instrução, por grande parte da sociedade brasileira era, unicamente, no sentido de aprender a ler e escrever, uma vez que, com a reforma eleitoral, esse se constituía como um dos requisitos para o direito ao voto. Assim, para os estudantes, a instrução não deveria ser encarada como um passaporte para o título de eleitor, mas sim como a forma de obter conhecimento útil para todos os ramos da vida, inclusive na tomada de decisão sobre os rumos políticos do Brasil.

Ao focar a importância da instrução, em seu sentido amplo, a imprensa liceísta estaria defendendo o meio pelo qual dependia a sua sobrevivência, tendo vista a posição de favoritismo que a imprensa ocupava, enquanto suporte, para o exercício da leitura e das letras. No mais os jovens jornalistas rogavam pela

[...] criação de aulas noturnas especiais para adultos e principalmente para os libertos pela Lei 13 de maio, [que] é também de grande necessidade, pois muitos deles até mesmo velhos procuram aprender, porem tem vexame de estudar A B C ao lado de um pequenito que já lê corretamente. A ignorância não lhes deixa compreender que os mais adiantados da aula principiaram pelo A, B, C. (O ENSAIO, 1890, ano 1, n. 1, p. 4).

Por outro lado, também noticiou as questões territoriais e diplomáticas que abalaram a estabilidade do primeiro governo da jovem República brasileira, notadamente sobre a situação da Ilha de Trindade, ocupada pela Inglaterra entre os anos de 1895 e 1896, e do Amapá, invadido por franceses. Em ambas as situações os estudantes acreditavam que o Presidente,

Dr. Prudente de Moraes conseguirá[ia] certamente reabilitar a república pacífica de 15 de novembro e malograr [...] [o] resto de esperanças monárquicas que porventura passem existir ainda espalhadas pelo país fazendo encrudescer o entusiasmo pela causa santa da república, que é da liberdade e da justiça. (O PORVIR, 1895, ano 1, n.3, p. 1).

De fato, os territórios foram devolvidos ao Brasil, a Ilha de Trindade em 5 de agosto de 1896, e o Amapá somente em 1900. O apoio incondicional ao regime

republicano, seja na divulgação das datas cívicas ou na propagação dos feitos, questões e impasses do novo regime, por parte dos jornalsinhos, esteve fundamentado na noção de liberdade e progresso que somente a associação com os ideais da República poderia proporcionar. Enquanto jovens jornalistas e literatos, era a partir da incorporação desse ideário, que esses estudantes lutariam, por meio de seu veículo impresso, em prol do estabelecimento de uma imprensa livre, que trabalhasse, principalmente, na defesa da educação e dos direitos de todos os cidadãos.

4 CONCLUSÃO

Depois de transitarmos pela imprensa estudantil liceísta, focalizando-a enquanto objeto cultural ao mesmo tempo em que primamos pela sua posição de fonte de informação e pesquisa, constatamos que o deslocamento proporcionado pela história dos registros do conhecimento se apresenta como um campo fértil de atuação.

Durante todo o século XIX os jornais desempenharam papel fundamental no desenvolvimento político, social, educacional e cultural do Maranhão, chegando a ser encarados como uma das instituições mais tradicionais e representativas da sociedade maranhense. A proliferação dos jornais, em seus mais diversos segmentos, a fecundação da atividade tipográfica e jornalística local, e o aparecimento de ilustres literatos, que se valiam desse veículo para a divulgação de seus escritos, era uma realidade no único espaço territorial cognominado de Atenas Brasileira durante o período oitocentista. Nesse cenário, o Liceu Maranhense enquanto instituição escolar de formação do pensamento educacional e cultural do Maranhão se tornou, na última década do século XIX, o maior centro convergente e irradiador da atividade periódica estudantil local.

Desse modo, contabilizamos a existência de 6 periódicos estudantis produzidos por alunos do Liceu Maranhense entre os anos de 1889 e 1900, foram eles: **O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Porvir** (1895), **O Ideal** (1898) e **A Actualidade** (1900). Ao centrarmos nossa análise no movimento da imprensa liceísta, tomando-a como fonte e objeto de estudo simultaneamente, descobrimos que tais impressos foram materializados nos moldes da tradicional gazeta, contendo três ou quatro colunas, com uso reduzido de recursos tipográficos em prol da supervalorização do texto, e que os mesmos ocuparam um lugar de destaque na sociedade maranhense, sendo reconhecidos e aclamados por suas preciosas contribuições à vida cultural e literária do ciclo social ludovicense.

Dados a ler como **orgãos estudantis** e a conhecer como **jornalsinhos litterarios liceístas**, a imprensa estudantil liceísta enquanto objeto cultural produzido dentro do Liceu Maranhense carregou e refletiu, tanto em suas páginas quanto na sua organização, os ideais e modelos de educação proporcionados por sua instituição originária.

Ao verificarmos a natureza dos jornalsinhos na conjuntura do corpo discente liceal na primeira década republicana, identificamos que os impressos: **O Ensaio**, **O**

Porvir e A Actualidade foram produzidos pelos estudantes de preparatórios, os periódicos O Século e A Eschola escritos pelos alunos das aulas avulsas ofertadas pelo Liceu, e por fim O Ideal elaborado por liceístas pertencentes ao Gremio Litterario Estudantal. A julgar pela realização da imprensa liceísta por três grupos específicos de estudantes do Liceu Maranhense, a utilização de tais impressos enquanto fonte nos auxiliou a captar algumas lutas de representação e de legitimação frente à sociedade estudantil e civil maranhense, e concluir que a organização estudantal em torno de jornais não se deu de maneira branda.

Por outro lado, com a pretensão de compreender as funções sociais da imprensa liceísta nos deparamos com o envolvimento não só dos estudantes, mas com o de intelectuais, professores, além do próprio Liceu e do setor tipográfico maranhense na produção e circulação dos jornalsinhos. Nesse cenário, os estudantes alertavam que seu acometimento na imprensa periódica tinha como objetivo o desenvolvimento da sua intelectualidade, para os intelectuais e professores a imprensa estudantal representava o alargamento de seu campo de atuação, de igual modo, para o setor tipográfica sinalizava o aumento da atividade comercial impressora e, por fim, para o Liceu, o movimento de seu alunado em torno de jornais ajudava na propagação do seu status de instituição formadora de intelectuais no Maranhão.

Assim, as funções sociais assumidas pela imprensa liceísta estavam ligadas ao poder do veículo impresso de legitimar as práticas intelectuais de alunos, professores e personalidades letradas maranhenses, além de fomentar o setor tipográfico e manter a tradição do Liceu com instituição escolar, formadora de mentes cultas e letradas. Sobretudo, tal movimento esteve fundamentado, de forma macro, no sentimento de revigoração da Atenas Brasileira, que no início do período republicano estava em estado deplorável.

No plano das temáticas abordadas pela imprensa liceísta, no intuito de compreender o discurso estudantal, percebemos que elas foram influenciadas pelo modelo de educação e saberes ofertados pelo Liceu, sua instituição originária, além de estarem arranjadas de acordo com os objetivos dos sujeitos que as produziram.

Nesse sentido, ao tomarmos os jornalsinhos como fonte, identificamos que os mesmos se organizavam nos moldes das publicações periódicas da grande imprensa, apresentando editoriais de abertura, artigos de opinião, noticiário, seções de expediente e etc... No entanto, com relação aos conteúdos dessas mensagens,

elas nos dirigiram ao discurso estudantil liceísta que foi estruturado em três eixos específicos: a manifestação das atividades inerentes à prática jornalística e literária do alunado; a exposição das produções literárias dos jovens letrados; e a divulgação dos principais acontecimentos e questões do início do período republicano.

Investigar a imprensa liceísta enquanto fonte e objeto de pesquisa coopera com a promoção de estudos mais diversificados sobre a história dos impressos, saindo do eixo tradicional que focaliza o livro e seus antecessores como condignos representantes da historiografia dos suportes, além de demonstrar a relevância desses materiais para os processos de produção, circulação e preservação do conhecimento na realidade maranhense de outrora.

Este estudo contribui com a construção de um conhecimento interdisciplinar envolvendo a História da Imprensa Estudantil e Biblioteconomia, estreitando ainda mais a relação deste último com os mais variados tipos de veículos de informação, seja do passado ou presente. Nesse movimento, acreditamos que estudar as múltiplas formas da evolução dos suportes de registros do conhecimento, realçando-os como objetos culturais e relevantes fontes de informação para construção da memória e identidade, contribuí com o desenvolvimento da *práxis* biblioteconômica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Beatriz Martins de. **O Discurso Educacional do Maranhão na Primeira República**. São Luís: UFMA, 1984.

AQUINO, Mary Jones Ferreira de Moura. **Organização e imprensa estudantil no Colégio de São Luiz e Liceu Maranhense**: processo de formação de uma elite letrada (1948-1958). 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1990.

BORGES, Almicéia Larissa Diniz. **O livro e a leitura na imprensa maranhense de educação e ensino**. 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

BORRALHO, Antonio Henrique de Paula. **A Athenas Equinocial**: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro. 2009. 334 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2009.

CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velásquez. A imprensa educacional liceísta do Maranhão na primeira República. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. **Anais...** Aracaju: UFS/UNIT, 2008. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. 2009. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2015, cap. 4., p. 103-130.

CORREA, Rossini. **Atenas brasileira**: a cultura maranhense na civilização nacional. Brasília: Thesaurus, Correa & Correa, 2001. 379 p.

COSTA, Márcia Cordeiro. **Em cena, o movimento estudantil acadêmico no Maranhão**: 1930-1950. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversando sobre história e imprensa. **Projeto história**, São Paulo, n. 33, p. 253-270, dez. 2007.

FURTADO, Luciana Nathalia Morais. **A imprensa estudantil liceísta maranhense na primeira República (1907-1930)**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

GASPAR, Carlos. Antônio Lobo: traços biográficos. In: CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velásquez; FELGUEIRAS, Margarida Louro (Org.). **Escritos de História da Educação: Brasil e Portugal**. São Luís: Café & lápis, 2012, cap. 8, p. 125-132.

LE GOFF. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LOBO, Antônio. **Os novos atenienses**: subsídios para a história Literária do Maranhão, São Luís: AML/EDUEMA, 1909. 139 p.

LUCÁ, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos impressos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al (Org.). **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 4., p. 111- 153.

MARTINS, Manoel de Jesus Barros. **Operários da saudade**: os novos atenienses e a invenção do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2006. 240 p.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed., Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense**. São Luís: Sioge, 1976.

MORTATTI, Maria do Rosário. et. al (Org.). **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. 302 p.

NÓVOA, António. **A imprensa de educação e ensino**: repertório analítico (séculos XIX - XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, Jose Gonçalves. **Pesquisa em História da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2005. p. 17- 62.

REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1895.

RESENDE, Rafael Serra de. Da Ágora ao Pantheon: intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão. **Outros Tempos**. v. 4, n. 4, p. 70-91, 2007. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/>. Acesso em: 15 out. 2018.

RIBEIRO, Vania Mondego. **A Implantação do Ensino Secundário Maranhense: Liceu Maranhense**. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2006.

ROCHA, André Gusmão. Os novos atenienses: Apropriação do imaginário da Atenas Brasileira na Primeira República. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA, 3., 2013, São Luís. **Anais...** São Luís: UEMA, 2013. p. 1-9.

TELLES, Igor Pereira; OLIVEIRA, João Paulo Gama. Entre pleiteantes e julgadores: uma investigação histórica dos Exames Gerais de Preparatórios.

Ponta de Lança: Rev. Eletrônica de História, Memória & Cultura. v. 1, n.1, p. 121-138, out. 2007. Disponível em: <https://seer.ufs.br>. Acesso em: 20 nov. 2018.

VIVEIROS, Jerônimo de. A nova mentalidade da juventude maranhense, O feriado dominical, O Centro Caixeiral, suas lutas e seus triunfos. In: _____. **Historia do comércio do Maranhão** (1896-1934). São Luís: LITHOGRAF, 1992, cap. 8.

FONTES DOCUMENTAIS

A ACTUALIDADE, 16 de agosto de 1900, ano 1, n. 1.

A ACTUALIDADE, 10 de outubro de 1900, ano 1, n. 6.

A ESCHOLA, 29 de fevereiro de 1891, ano 1, n. 2.

DIÁRIO DO MARANHÃO, 10 de junho de 1899, ano 30, n.7732, p. 2.

O ENSAIO, 18 de setembro de 1890, ano 1, n. 1.

O IDEAL, 12 de outubro de 1898, ano 1, n. 2.

O IDEAL, 18 de novembro de 1898, ano 1, n. 3.

O IDEAL, 20 de dezembro de 1898, ano 1, n. 4.

O IDEAL, 12 de janeiro de 1899, ano 2, n. 1.

O IDEAL, 28 de fevereiro de 1899, ano 2, n. 2.

O IDEAL, 20 de setembro de 1898, ano 1, n. 1.

O PORVIR, 15 de junho de 1895, ano 1, n. 1.

O PORVIR, 20 de agosto de 1895, ano 1, n. 3.

O SÉCULO, 31 de outubro de 1890, ano 2.

PACOTILHA, 26 de fevereiro de 1890, ano 10, n. 53, p. 4.

PACOTILHA, 31 de julho de 1890, ano 10, n. 205, p. 4.

PACOTILHA, 13 de setembro de 1890, ano 10, n. 248, p. 3.

PACOTILHA, 25 de março de 1891, ano 11, n.82, p.3.

PACOTILHA, 18 de junho de 1895, ano 15, n.143, p.2.

PACOTILHA, 3 de novembro de 1900, ano 20, n. 261, p.2.

APÊNDICES

Apêndice A – tabela de identificação e descrição do jornalsinho O Ensaio (1890)

J O R N A L	Jornal	O ENSAIO
		Descrição
	Subtítulo	Orgão Estudantal
	Patrono	*****
	Data de criação	19 de setembro de 1890
	Endereço	Rua Formosa nº 11
F O R M A	Tamanho	*****
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Sim, todavia não muito variado, se resumindo a pequenas variações de letras e traços para a divisão E destaque de matérias
	Nº de páginas	4
	Nº de colunas	3
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Duas vezes ao mês
	Anos	2 (1890-1891-****)
	Números	*****
	Datas Especiais	*****
	Interrupções	*****
	Assiduidade de jornalistas	*****
	Assiduidade de sessões	*****
	Vendido	Sim
	Gratuito	*****
D I	Grupo Literário	Estudantes preporianos
	Ideologia	*****

S P O S I T I V O	Corpo editorial	*****
	Tipografia	Tipografia da "A Pacotilha"
	Preço	300 réis
	Regulamento ou estatuto	Colunas francas aos assinantes, isto é, os assinantes poderiam publicar no jornal
	Tipo de Assinatura	Mensal e "Aqueles pessoas à quem dirigimos o nosso jornal e que não o devolverem no prazo de três dias serão considerados assinantes"
	Redatores	J. C. Raposo Junior, Achilles Lisboa e Alcides Pereira
	Jornalistas	Sylvo, Alcides Pereira, O. Mello, A Britto, Djalma Waldemiro, Lucrecio, Victor Pery.
	Prof. ou intelectuais	*****
	Jornais apoiadores	A Pacotilha
E S T R U T U R A	Primeira página	Sem o expediente
	Títulos republicanos	Discussão sobre o código penal brasileiro para mulheres que cometem crimes. Instrução como fator de desenvolvimento, reforma eleitoral, abertura de aulas noturnas e escola publica
	Títulos permanentes	*****
	Anúncios	Não
	Linguagem dos anúncios	*****
	Linguagens utilizadas	Artigo crítico, poesia e crônicas

Apêndice A – tabela de identificação e descrição do jornalsinho A Eschola (1891)

Jornal		A ESCHOLA
	Descrição	
	Subtítulo	Orgão estudantil
	Patrono	*****
	Data de criação	28 de fevereiro de 1891
F O R M A	Tamanho	*****
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Sim/ forma de letras e traços
	Nº de páginas	4
	Nº de colunas	3
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Não evidenciado, mensal
	Anos	1(1891)-****
	Números	1, 2 e 3
	Datas Especiais	*****
	Interrupções	*****
	Assiduidade de jornalistas	*****
	Assiduidade de sessões	*****
	Vendido	*****
Gratuito	Não evidenciado	
D I S P	Grupo Literário	“Diversos alunos do Liceu”-vide A Pacotilha
	Ideologia	*****
	Corpo editorial	*****
	Tipografia	Tipografia da “A Pacotilha”

O S T I V O	Preço	*****
	Regulamento ou estatuto	*****
	Assinaturas	*****
	Redatores	*****
	Jornalistas	Roberto Adolpho, Sebastião Nogueira, Girardin, José Augusto Barrêto de Mello Rocha.
	Prof. ou intelectuais	*****
	Jornais apoiadores	A Pacotilha
E S T R U T U R A	Primeira página	Sem menção ao expediente, assinaturas ou valores
	Títulos republicanos	Discussão sobre o direito de voto da mulher, artigos a favor e contra em um só numero
	Títulos permanentes	*****
	Anúncios	*****
	Linguagem dos anúncios	*****
	Linguagens utilizadas	Artigos essencialmente críticos sobre questões cívicas e sobre posicionamentos do jornal "O Ensaio"

Apêndice A – tabela de identificação e descrição do jornalsinho O Porvir (1895)

Jornal		O PORVIR
	Descrição	Orgão da Classe Estudantal
	Subtítulo	O trabalho e a sciencia são d'ora em diante os senhores do mundo
	Patrono	*****
	Data de criação	15 de junho de 1895
	Endereço	Rua da calçada, canto para o largo do palácio n. 1
F O R M A	Tamanho	*****
	Imagens ou ilustrações	*****
	Recursos tipográficos	Tamanhos e formas de letra/ uso de traços simplórios para divisão de colunas e destaque na forma e tamanho de letra para os assuntos.
	Nº de páginas	4
	Nº de colunas	3
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Mensal
	Anos	1-*****
	Números	4-*****
	Datas Especiais	*****
	Interrupções	*****
	Assiduidade de jornalistas	Sim (E. Castello Branco e A. Lustosa)
	Assiduidade de sessões	Sim (Noticiario e Literatura)
	Vendido	Sim
	Gratuito	*****
D I	Grupo	Estudante preptorianos do Liceu
	Ideologia	*****

S P O S I T I V O	Corpo editorial	*****
	Tipografia	J. C. Leite
	Preço	300 réis
	Regulamento ou estatuto	*****
	Assinaturas	Mensal com pagamento adiantado
	Redatores	*****
	Jornalistas	Gyrasol, A. Lustosa. Victor Hugo (A virgem), E. Castello Branco, R. A., Nores Ribeiro, Nande Fortes, Ceio Xisto e transcrições.
	Prof. ou intelectuais	*****
	Jornais apoiadores	A Pacotilha
E S T R U T U R A	Primeira página	Termos de assinatura e frase de efeito
	Títulos republicanos	Questões brasileiras (busca pela republica pacifica de 15 de novembro: guerra civil no Brasil (Amapá e ilha trindade), pedido de uma resolução para o Presidente Prudente de Moraes)
	Títulos permanentes	LITERATURA (apresentação de sonetos e contos) e NOTICIARIO (compreende aos fatos da cidade, dos alunos e do jornal, destaca-se as noticias sobre os exames preparatórios)
	Anúncios	Não
	Linguagem dos anúncios	*****
	Linguagens utilizadas	Uso da poesia e da prosa. Destaca-se no resgate de assuntos do cotidiano do amor entre um homem e uma mulher.

Apêndice A – tabela de identificação e descrição dos jornalsinho O Ideal (1898)

Jornal		O IDEAL	
	Descrição	Orgão Literário e Estudantal Obreiros do progresso, eu vos saúdo, Filhos da minha pátria, eu vos bendigo. Coragem lutadores! A. Pereira	
	Subtítulo		
	Patrono		*****
	Data de criação		20 de setembro de 1898
	Endereço		Rua Formosa, n. 18
F O R M A	Tamanho	*****	
	Imagens ou ilustrações	Não	
	Recursos tipográficos	Apenas para letras e traços, apresenta pequena variedade no tamanho e forma das letras	
	Nº de páginas	4	
	Nº de colunas	3	
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Uma vez por mês/ dias indeterminados	
	Anos	2 (1898 e 1899)	
	Números	1 ano= 4 n.; 2 ano= 2-***	
	Datas Especiais	*****	
	Interrupções	*****	
	Assiduidade de jornalistas	Homero Diamantino, Anibal Oquendo, Arsenio Ademar, Fruldulpho Grazielle , J. Lisboa	
	Assiduidade de sessões	RABISCOS: Secção Alegre e HECHOS DA REDAÇÃO	
	Vendido	*****	
D	Gratuito	“Por que foram distribuídos em certa ocasião”- vide Pacotilha	
	Grupo	“Grêmio Literário Estudantil, Estudantes preparatorianos”- vide Pacotilha	

I S P O S I T I V O	Ideologia	*****
	Corpo editorial	*****
	Tipografia	Antonio Pereira Ramos d'Almeia & C. Succs
	Preço	*****
	Regulamento ou estatuto	*****
	Assinaturas	*****
	Redatores	*****
	Jornalistas	Homero Diamantino, Marquez de Green – Romage, Octavio, Cileo Oliveiros, Cabrion, Anibal Oquendo, Arsenio Ademar, Fruldulpho Grazielle, Stenio Dobaino, M. Viriato Correa, J.Lisboa, C. Souza Junior, Luiz Carvalho.
	Prof. ou intelectuais	*****
	Jornais apoiadores	Pacotilha
E S T R U T U R A	Primeira página	Expediente e frase de impacto e primeira matéria de cunho republicano
	Títulos republicanos	Sempre que possível a primeira matéria resgata as datas cívicas, ou discorre sobre assuntos patrióticos e fatores de progresso
	Títulos permanentes	RABISCOS: Secção Alegre (contos e poesias escritas por jornalistas fixos do jornal) e HECHOS DA REDAÇÃO(versa sobre o cotidiano das pessoas pertencentes a classe estudantil e do jornal)
	Anúncios	Não
	Linguagem dos anúncios	*****
	Linguagens utilizadas	Extremamente literário, abusa da prosa e da poesia em sua composição

Apêndice A – tabela de identificação e descrição dos jornalsinho A Actualidade (1900)

Jornal		A ACTUALIDADE
	Descrição	
	Subtítulo	Periódico imparcial, literário, crítico e noticioso
	Patrono	****
	Data de criação	16 de agosto de 1900
	Endereço	Consistório de São João, rua da Paz
F O R M A	Tamanho	*****
	Imagens ou ilustrações	*****
	Recursos tipográficos	Sim/ pequenas variações de letras em forma e tamanho e uso de traços na divisão de colunas e matérias.
	Nº de páginas	4
	Nº de colunas	3
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	A cada dez dias
	Anos	1900-*****
	Números	9-*****
	Datas Especiais	3 de novembro de 1900- homenagem a Gonçalves Dias
	Interrupções	*****
	Assiduidade de jornalistas	*****
	Assiduidade de sessões	*****
	Vendido	Sim
	Gratuito	*****
D I S	Grupo	Alunos do curso preparatório do Liceu
	Administração	Direção: Luís Carvalho e Henrique Fernandes; Colaboração: Fran Pacheco, Damasceno Ferreira, Raimundo Santiago, Luís Serra, Maranhão Sobrinho, Viriato Corrêa, João Quadros e Agostinho Reis

P O S I T I V O	Corpo editorial	*****
	Tipografia	Tipografia do Antonio Pereira Ramos d'Almeida & C. ^a Succs
	Preço	300 réis
	Regulamento ou estatuto	*****
	Assinaturas	Trimestrais/ capital e interior
	Redatores	
	Jornalistas	Luiz Carvalho, Costa Fernandes, Arthur Lobo, Pinzon Blôc, Francisco Corrêa Pinto, Bregeiro, Luiz Serra,
	Prof. ou intelectuais	*****
	Jornais apoiadores	Pacotilha
E S T R U T U R A	Primeira página	Expediente e preço
	Títulos republicanos	Divorcio- contra a sua aprovação
	Títulos permanentes	*****
	Anúncios	*****
	Linguagem dos anúncios	*****
	Linguagens utilizadas	Poesia, Prosa e conto